



Dingana Paulo Faia Amona

**NARRATIVAS DA NAÇÃO GUINEENSE A PARTIR DA
LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Carla Susana Alem Abrantes

Redenção-CE

2016



Dingana Paulo Faia Amona

**NARRATIVAS DA NAÇÃO GUINEENSE A PARTIR DA
LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovada em 10 de agosto de 2016

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Carla Susana Alem Abrantes
Instituto de Humanidades e Letras
UNILAB

Prof.^a Dr.^a Luana Antunes Costa Instituto de
Humanidades e Letras
UNILAB

Prof. Dr. Fábio Baqueiro Figueiredo
Instituto de Humanidades e Letras UNILAB

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

A54n Amona, Dingana Paulo Faia.

Narrativas da nação guineense a partir da literatura. / Dingana Paulo Faia Amona. – Redenção, 2016.

56 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Susana Alem Abrantes.
Inclui Referências.

1. Literatura guineense - História e crítica. 2. Literatura guineense - Aspectos sociais. I. Título.

CDD G869.09

À minha mãe Furtunata Oliveira vulgo Betcha (*in memoriam*), que se faz presente em todos os dias da minha vida, sei que de seu lugar olha por mim, sofre com minhas derrotas e rejubila comigo em minhas vitórias...

Ao meu pai Paulo Faia Amona, que consegue ser pai e mãe e ainda companheiro, ao mesmo tempo...

...DEDICO

Agradecimento

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades. De modo geral, dirijo o meu agradecimento às instituições brasileiras Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Ministério de Educação do Brasil (MEC), por terem sempre prestado apoios aos estudantes dos Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP).

De modo particular, agradeço, sobretudo, à minha família, e a algumas pessoas que considero especiais, pelo apoio incondicional, pelo carinho incansável e constante.

À professora Carla Susana Alem Abrantes pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possíveis a conclusão deste trabalho.

Aos meus pais, em especial à minha mãe Furtunata Oliveira vulgo Betcha (*in memoriam*), que imagino sua vibração se estivesse aqui por mais uma vitória em minha vida, para me dizer não tenhas medo e seguir sempre em frente. Por falar em família, devo adiantar de logo os meus agradecimentos à minha tia Rosa Amona, pela amizade, amor, força e palavras de incentivo em todos os momentos da minha vida, aos meus tios Mario Joaquim Amona; Duarte Amona; Nascimento Oliveira; Simone Oliveira; aos primos João Paulo Baio; N'funi Mario Amona; N'tchonba José N'dibe; Abna José Amona; Nhinba Manuel Faia Amona; Tchungana Mario Amona; aos meus irmãos Quintande Paulo Faia Amona; Tcheder Paulo Faia Amona; Sulnate Paulo Faia Amona; Quidã Paulo Faia Amona; Sifna Paulo Faia Amona e, a minha madrastra Memba José da Silva.

Devo gratidão também aos meus amigos, Ednilson André Gomes; Pascoal Lopes Correia; Justino Cunha; Bruno João Cá; Jim Tomas; Braima João Fernandes da Silva; Arlindo Vieira; Luís Felipe Sá Pereira; Daiana Fernando N'bunde; Domingas da Silva; Antônio Abinte Té; Carmolino Cá; Numna Té; Dala Djop; Juel Vitor; Helmer Nunes; Vladimir Bidan Matcha Quade; Orivaldo Desiderio Correia Camara; Malam de Pina; Naninquo Luís Baia; Amadú Fula Seide; Domingos Mula; Aila Antônio Gomes; Irene Lopes; Mamadu Jalo (Cubilas); suleimane seide, Uffe Vieira Gomes; Luísa Semedo; Kennedy Augusto Beer e Genésio Justino Gomes de Sá, que ao longo dessa caminhada contribuíram para solidificação do conhecimento e para momentos de descontração, tão importantes para aliviar o cansaço.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

Resumo

Após mais de cinco séculos de dominação e exploração portuguesa, a Guiné-Bissau, pequeno país localizado na costa ocidental da África, assume a difícil tarefa de construir-se como nação e, dessa forma, “forja sua identidade nacional” (VALANDRO, 2011, p.6). Neste sentido, o presente estudo tem como objetivo compreender através de diferentes narrativas a maneira pela qual a nação guineense foi fabricada a partir da literatura. Para alcançar esse objetivo privilegiar-se-á a análise dos intérpretes, Karina de Almeida Calado e Maria Nazareth Fonseca (2013), Gabriela Carneiro e Jaqueline Cardoso (2011) e dos autores das obras escolhidas para esse estudo, Abdulai Sila (2011), Maria Odete da Costa Semedo (2007) por tratarem de diferentes períodos do território em questão, da colonização ao pós-independência, concretamente os períodos de 1963 o início da luta armada até 1998, período em que o território guineense sofreu a primeira experiência da guerra civil.

Palavras-chaves: Guiné-Bissau; Literatura; Nação.

Abstract

After more than five centuries of Portuguese domination and exploitation, Guinea-Bissau, a small country located in the western coast of Africa, takes on the difficult task of building as a nation and therefore "forging their national identity" (VALANDRO 2011, p.6). In this way, the present study aims to understand through different narratives the way the Guinean nation was built from the literature. To achieve this goal it will give priority to analysis of interpreters such as Karina da Almeida Calado and Maria Nazareth Fonseca (2013), Gabriela Carneiro and Jaqueline Cardoso (2011) and the authors of the works selected for this study, Abdulai Sila (2011), Maria Odete da Costa Semedo (2007) for addressing different periods of the territory in question, from colonization to post-independence, especially periods of 1963, the beginning of the armed struggle until 1998, during which the Guinean territory suffered the first experience of a civil war.

Palavras-chaves: Guinea-Bissau; Literature; Nation.

Sumário

1. Introdução	09
2. Capítulo I - As características da literatura guineense apresentadas pelas intérpretes das obras <i>No fundo do canto</i> e <i>A última tragédia</i>	14
2.1 O atraso da literatura guineense.....	14
2.2 Uma minoria representando a maioria.....	16
2.3 Literatura enquanto construção histórica.....	18
2.4 Literatura como ferramenta de denúncia.....	19
2.5 Literatura na construção da identidade nacional.....	21
3. Capítulo II - O trágico colonial e as ironias do “destino” percebidos diretamente na escrita de Abdulai Sila e Odete Semedo	23
3.1 Violência colonial.....	24
3.2 Resistência e luta pela Independência.....	30
3.3 Pós-colonial e as suas repetições.....	42
4. Considerações Finais	54
5. Referencia Bibliografica	56

1. Introdução

Dentre as cinco jovens nações africanas que foram objeto de colonização portuguesa, a saber, Angola; Moçambique; Cabo-verde; São-Tome e Príncipe e Guiné-Bissau, a última, além de apresentar uma das mais “tardias” produções literárias, possui, em relação às demais, um reduzido número de pesquisas acerca de sua literatura. “Essa característica, certamente, liga-se à grande instabilidade política e social que marca sua existência e evidencia a imprescindibilidade de que estudos dessa natureza sejam produzidos” (BISPO, 2013, p. 10).

Localizada na costa ocidental da África, o primeiro registro de navegadores portugueses na Guiné data de 1446, com chegada de Nuno Tristão. No entanto, somente a partir de 1936 pode-se falar em colonização de fato, pois, por muito tempo, “para Portugal a Guiné não passava de um entreposto de comércio de escravo, um centro comercial e não uma colônia de assentamento” (SEMEDO, 2010, p.19). Como um dos legados da colonização, a Guiné-Bissau herdou fronteiras arbitrárias e um mosaico cultural, constituído por cerca de diferentes grupos étnicos. Apesar disso, “na multiplicidade e na riqueza de sua multiculturalidade, é, hoje em dia, uma unidade geopolítica que procura seu lugar no mundo como um Estado-nação. A literatura participa dessa busca” (AUGEL, 2007, p. 176).

Independente desde 24 de setembro de 1973, a Nação só foi reconhecida em 10 de setembro de 1974, momento em que marcou o início do rumo político de um novo Estado, deixado agora totalmente nas mãos do povo guineense, melhor dizendo, nas mãos dos dirigentes políticos guineenses. A Guiné-Bissau, desde então totalmente independente e administrada por mãos próprias, “teve ao longo dos anos muitas metamorfoses políticas que lhe proporcionaram grandes e graves contratemplos para a consolidação da democracia, estabilidade política e desenvolvimento socioeconômico” (CUNHA, 2015, p. 9)

Sendo assim, o presente trabalho, intitulado **Narrativas da nação guineense a partir da literatura** evidencia analisar e narrar a nação guineense, com o propósito de entender o modo como essa nação foi fabricada a partir da literatura, tomando como fonte principal a escrita literária guineense, que aqui está diferenciada em “intérpretes” e “autores literários”. Utiliza-se “intérpretes” para diferenciar essa escrita da dos autores da literatura que possuem um estilo mais livre e menos analítico. As intérpretes refletiram sobre a literatura guineense em dois artigos produzidos em 2011 e 2013, com

interpretações que evidenciaram marcas sobre a literatura guineense¹. Por outro lado, os “autores literários” escreveram obras nos anos de 1995 e 2007, a partir das quais veremos uma forma direta de identificar determinados conteúdos que ajudam a compreender os desafios atuais da nação guineense². Assim, teremos como fonte principal as obras *No Fundo do canto* SEMEDO (2007), *A última tragédia* SILVA (2011) e as escritas das intérpretes escolhidas para esse estudo *A última tragédia: um esboço da construção histórica e identitária da Guiné-Bissau* CARNEIRO e CARDOSO (2011) e *Identidade, subjetividade e nação guineense na poesia de Odete Semedo* CALADO e FONSECA (2013).

Os autores literários escrevem sobre um período de grande relevância para a nação guineense, os anos entre 1963 a 1998. Foi em 1963 que a luta armada teve início, tendo sido um dos mais importantes triunfos do povo em defesa da sua soberania, conduzido pelo Partido Africano da Independência de Guiné e Cabo-Verde (PAIGC). E esta Revolta foi rapidamente desencadeada pelo fato da repressão que aumentava. Isso ocorreu, sobretudo, devido aos acontecimentos de Massacre de *Pindjiguite* em 3 de agosto de 1959, quando um grupo de estivadores e marinheiros protestaram contra os baixos salários, e foram brutalmente massacrados pelo então regime colonial português, como remata Augel:

O cervo de repressões se estreitava, e crescia a ousadia dos insatisfeitos, a partir de agosto de 1961, deu-se início à ‘ação direta’, com sabotagens, cortes de vias de comunicação, destruição de instalação; em 1962, deu-se um assalto pela PIDE a um centro clandestino de PAIGC em Bissau seguido de muitas prisões (AUGEL, 2007, p.61).

Perante os acontecimentos acima referenciados, a luta para libertação da Guiné-Bissau teve o seu início oficialmente em 23 de janeiro de 1963, como explica Monteiro.

O ano de 1963 marcou o início da ação armada com ataque ao quartel de Tite, no centro sul do país, sinalizando o marco oficial da luta que se estendeu por várias regiões da Guiné-Bissau. O êxito da guerrilha não tardou, porque o sucesso da luta estava atrelado às vantagens do sul do país em relação à sua estrutura geográfica e suas condições naturais (MONTEIRO, 2013, p. 168).

Por sua vez, o ano 1998 se constitui um dos mais conturbados na história da Guiné-Bissau independente, por ser um período em que o território guineense sofreu a

¹ Gabriela Carneiro e Jaqueline Cardoso em “A última tragédia: um esboço da construção histórica e identitária da Guiné-Bissau” e Karina Calado e Maria Nazareth Fonseca em “Identidade, subjetividade e nação guineense na poesia de Odete Semedo”.

² Abdulai Sila e Maria Odete da Costa Semedo, autores das obras *A última tragédia* e *No fundo do canto*

primeira experiência de guerra civil. Ou seja, é nesse período que se explodiu tudo o que foram os rancores guardados desde a luta de libertação, como aponta Calado e Fonseca, “para compreendermos os acontecimentos que levaram o país ao conflito bélico, em 1998, convém mencionarmos alguns fatos históricos, desde o início da luta armada pela libertação do colonialismo português” (CALADO e FONSECA, 2013, p.148)

Com as acusações e tentativa de prisão feitas pelo então presidente da República Nino Vieira sobre o General Ansumane Mané, motivou-se o desencadear da guerra de onze meses. Augel explica que “pelo que consta, a gota d’água que fez desencadear os acontecimentos foi à tentativa de prisão de Ansumane Mané na madrugada do domingo, sete (7) de junho de 1998. O general reagiu à voz de prisão e, com os seus homens, tomou o quartel de Santa Luzia” (AUGEL, 2007, p.67,68).

Tendo como opção metodológica a análise de discursos e o objetivo de compreender como a nação é fabricada a partir da literatura, nós nos ancoramos em (Foucault apud Fischer, 2001, p.198) para melhor compreender essa questão e fazer uma interpretação mais a fundo das obras escolhidas para este estudo. Considera-se assim, o seguinte pressuposto: “para analisar os discursos, precisamos antes de tudo recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e igualmente a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas práticas bastante comuns” (Foucault *apud* Fischer, 2001, p.198).

Podemos perceber que as análises feitas por intérpretes das obras escolhidas e assim como da escrita dos literários são parte de sua agência política, estando dentro desse universo de construção da nação. Isso, nos leva a considerar que através dessas escritas eles exercem também um certo tipo de poder, ao facto de que este “não está localizado exclusivamente no Estado e nos seus ‘aparelhos ideológicos’: apesar de não ser uma unidade global de dominação, o poder está em toda parte, não existindo um lugar privilegiado de onde possa ser exercido” (FOUCAULT *apud* AGUIAR, 2008, P.16).

Entretanto, é importante realçar que começamos esse trabalho com a seguinte pergunta, **como a literatura contribuiu para conscientização social para uma luta contra o colonialismo na África lusófona?** Das primeiras reuniões mantidas com a minha orientadora acabamos por perceber que seria tão difícil desenvolver um trabalho desse gabarito devido à tamanha grandeza que a pergunta formulada apresentava. Desta

feita, reduzimos a pergunta inicial e formulamos uma nova pergunta que se baseava em uma **literatura comparada entre Guiné-Bissau e Angola**. Com os encontros regulares de orientações, chegamos à conclusão de que mesmo com a nova pergunta formulada, a indagação ainda estava muito grande. Assim sendo, resolvemos reformular a pergunta, na qual se chegou à seguinte questão: **Como a nação guineense é fabricada pela literatura no período cronológico estabelecido?**

Podemos compreender essa dinâmica de alteração das perguntas para este trabalho com Bourdieu (1989), onde este aponta que o objeto da pesquisa não é uma coisa que se faz como um plano que se desenha antecipadamente, mais sim, é “um trabalho de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos, por toda uma serie de correção, de emendas, sugerido por o que se chama o ofício” (BOURDIEU, 1989, P.24).

Exposto isso, recorreremos a alguns autores que nos ajudam a responder à pergunta formulada para esse estudo, como é o caso de Benedict Anderson que define a nação como uma “comunidade imaginada” (ANDERSON, 1983, p.25), mas que pode ser narrada e pensada por intelectuais. Segundo Said os intelectuais seriam definidos como “todos os que trabalham em qualquer área relacionada com a produção ou divulgação de conhecimento” (SAID, 1993, P.24). E assim, na medida que eles narram a nação também criam interpretações trazendo os elementos que eles consideram relevantes. Como escreve Bhabha *apud* Barbosa (2011, p. 207), “a narrativa da nação enunciada nas literaturas, nas histórias nacionais constrói imagens recorrentes de uma tradição, possibilitando a formação de uma identidade nacional marcada pelos mitos de origem”. Também é importante realçar que a “Nação, identidade nacional e memória coletiva são conceitos atrelados entre si, já que comportam processos simbólicos coletivos determinados por relações de poder” (BARBOSA, 2011, p.208)

Levando em consideração tudo isso, interessa-nos desde já salientar que este não é um estudo que busca trazer as discussões literárias, mas sim, estabelecendo os diferentes gêneros literários - nesse caso, romance, poemas e as interpretações de críticos literários - como a nossa principal fonte para responder à pergunta formulada que é, de tentar compreender como é que a nação guineense é fabricada a partir da literatura. Também é importante realçar que devido às especificidades das obras escolhidas para este estudo, precisaremos voltar ao passado como elemento que ajuda a compreendê-las, como é em especial o caso da *A última tragédia*. Somos obrigados a

voltar ao passado principalmente no período da “pacificação” e da baixa colonização para melhor chegarmos a uma compreensão.

Assim sendo, este estudo contém dois capítulos, de modo a abordar de que maneira a nação guineense é fabricada pela escrita literária. O primeiro capítulo é intitulado *As características da literatura guineense apresentadas pelas intérpretes das obras *No fundo do canto* e *A última tragédia**. Centra-se no tentar compreender a literatura guineense através das comparações das características presentes no texto analítico das intérpretes escolhidas para este estudo. Assim, procuramos mostrar que as interpretações possuem características próprias, diferentes ao serem comparadas.

O segundo e último capítulo é intitulado **O trágico colonial e as ironias do ‘destino’ percebidos diretamente na escrita de Abdulai Sila e Odete Semedo**. Este capítulo objetiva realizar a análise das obras *A última tragédia* e *No fundo do canto* dos autores guineense Abdulai Sila e Maria Odete Da Costa Semedo, onde nessas obras tentamos responder à pergunta formulada, tomando os seguintes tópicos; 1- violência colonial; 2- resistência e luta pela libertação da Guiné-Bissau; 3- o contexto pós-colonial e as suas repetições, como objeto para chegarmos a resposta. Nesse capítulo teremos um contato direto com as obras escolhidas para esse estudo, levando em considerações detalhes dessas obras, não foram possíveis todas as suas descrições. Porquanto, utilizamos certas dinâmicas a saber: na obra *A última tragédia* escolhemos alguns personagens para a compreensão de dois primeiros tópicos acima mencionados, e no terceiro tópico recorreremos a alguns poemas da obra *No fundo de Canto* para compor a discussão e compreensão do período pós-Independência.

Metodologicamente, utilizamos fontes bibliográficas teóricas e literárias, e, a partir deste estudo, espera-se que o nosso trabalho, tenha contribuído para uma reflexão sobre a crítica literária e a literatura guineense e que sirva também, por outro lado, como fonte de reflexão para trabalhos futuros, especialmente para os filhos e amigos da Guiné-Bissau.

Capítulo I

2. As características da literatura guineense apresentadas pelos intérpretes das obras *No fundo do canto* e *A última tragédia*.

O presente capítulo centra-se no tentar compreender a literatura guineense através das comparações das características presentes no texto analítico das intérpretes escolhidas para este estudo. Assim, procuramos mostrar que as interpretações possuem características próprias, diferentes ao serem comparadas.

Mas antes disso, é importante salientar que as intérpretes das obras escolhidas são mulheres e brasileiras, cujo trabalho está inserido em um contexto específico de valorização de temáticas relacionadas à África. A implementação da lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003 inseriu no currículo da educação básica brasileira a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura da África, dos africanos e dos afro-brasileiros. Isso, certamente colaborou para o fortalecimento da produção sobre África como um todo e foi resultado de um longo processo de mobilização política mais ampla anterior.³ A lei colaborou para um aumento significativo da procura por diferentes áreas de estudos no ambiente acadêmico, “bem como para a inserção da cadeira de Literaturas Africanas em grande parte dos cursos de Letras e, também, para a expansão das publicações sobre África por editoras brasileiras” (BISPO, 2013, p.24).

2.1 O atraso da literatura guineense

Primeiramente coube-me destacar as formas como as intérpretes da obra de SEDEMO e SILA encaram o atraso da literatura guineense em relação aos outros países da África lusófona.

Ao analisar a obra *No fundo de canto* da autora guineense Maria Odete da Costa Semedo, pelas intérpretes CALADO e FONSECA (2013), podemos identificar a seguinte interpretação: o possível “atraso” da literatura guineense em relação aos outros países lusófonos africanos é motivado por um sistema diferencial de colonização

³ Para referências ao processo de afirmação da questão racial como crucial para a nação brasileira, ver... Alex Ratts (2009).

instalado pelos portugueses na Guiné em relação as outras colônias na África. Essa afirmação aponta a resistência e o interesse pela negociação dos escravos como principais motivos para não educação e a alfabetização dos “indígena”. Como aponta Calado e Fonseca:

A Guiné-Bissau serviu durante muito tempo, essencialmente, como centro de comércio escravo, o que negligenciava a educação e a alfabetização em língua portuguesa, na colônia. A essa motivação, soma-se também a intensa resistência empreendida pelos guineenses ao domínio português, muito mais persistente do que nas outras colônias portuguesas na África (CALADO e FONSECA, 2013, p.146).

Os motivos acima mencionados conseqüentemente fizeram com que a literatura escrita na Guiné-Bissau fosse considerada por essas intérpretes, como “das mais recente e também a mais periférica entre a literatura africana da língua portuguesa” (CALADO e FONSECA, 2013, p.146).

Sendo assim, as intérpretes Carneiro e Cardoso ao analisarem a obra *A última tragédia* do guineense Abdulai Sila afirma que as literaturas africanas da língua portuguesa têm sido alvo de interesses dos pesquisadores em desenvolver estudos científicos que vão na perspectiva de tentar compreender como a literatura ajudou na construção e na reedificação da identidade nacional desses países, pelo facto da literatura escrita nesses países assume um caráter de valorização das culturas locais que ao longo de cinco séculos foram suprimidas pelos portugueses.

À frente desse facto, a literatura escrita na Guiné-Bissau é considerada mais atrasada na medida que ainda existe fraca produção literária e a insuficiência dos materiais para pesquisa nessa área.

Sendo assim, percebemos que a fraca produção literária e a insuficiência dos materiais para pesquisa são motivadas pelo tipo de colonização implantada nesse território pelos portugueses. Face a isso, Carneiro e Cardoso consideram que nesse território houve uma desvalorização da cultura local e suplantação de um sistema que exigia que o homem guineense negasse a sua língua, sua tradição e seus valores” (CARNEIRO e CARDOSO, 2011 p. 88), sendo que este não estava interessado em negar tudo isso, e daí foram desencadeadas uma serie de resistências pelos nativos contra os portugueses.

Concluimos que essas resistências empreendidas por nativos contra os portugueses fizeram com que a Guiné fosse tomada pelos portugueses como um centro de negócio e de exploração o que conseqüentemente motivou a demora de

implementação da escola no território guineense, o que conseqüentemente motivou o atraso da literatura guineense em relação aos outros países da África lusófona. Nesse sentido, está placada a tentativa de reconstruir a história do seu país como é visível na crítica da obra do Sila demarcado pelo (CARNEIRO e CARDOSO, 2011, p.93) “evidenciando as faculdades do africano, sua determinação e sua inteligência, aspectos esses que foram suprimidos pelo discurso imperialista europeu, que descreve os negros, os colonizados, como ignorantes e selvagens, a fim de justificar sua intervenção em África”.

2.2 Uma minoria representando a maioria

Analisando a obra *A última tragédia*, Carneiro e Cardoso apontam que Sila tenta apresentar uma tentativa de explicação para a origem dos males atuais de seu país. Através dum recuo ao período colonial, estes intérpretes fazem uma contextualização dos personagens trazidos por Sila no seu romance, o que segundo eles podem ser entendidos como uma representação coletiva. Entre os personagens de romance em destaque uma delas é uma mulher de nome Ndani, considerada pelas intérpretes como sendo “representação da mulher guineense no período colonial e de ganhar a voz através do romance” (CARNEIRO e CARDOSO, 2011, p.89).

As intérpretes Carneiro e Cardoso consideram que através da personagem Ndani é possível perceber a forma como viviam as mulheres guineenses no período colonial, ao facto de que esta incorpora vários elementos representativos das minorias, “cujo o seu lugar é definido em função de uma figura masculina” (CARNEIRO e CARDOSO, 2011, p.89).

Mediante este facto, Carneiro e Cardoso classificam a obra *A última tragédia* como uma literatura menor fazendo a referência a uma minoria representando a maioria. Ou seja, a representação da personagem Ndani no romance faz com que essas intérpretes classifiquem a obra *A última tragédia* como uma literatura menor, ao facto desta personagem representar a mulher guineense no período colonial.

Um outro aspecto apontado por Carneiro e Cardoso como elemento que as levou a classificar essa obra de literatura menor é o movimento de desterritorialização feito por Sila como estratégia da sua escrita trazendo vocábulos em crioulo, juntando-o com o do português para dar mais ênfase e compreensão para o seu público alvo,

guineense. Como elas apontam, “Sila desterritorializa a língua, não apenas fisicamente, em função das coisas que a palavra designa, mas também semanticamente e, concomitantemente, reterritorializa-a ao expressar-se através da sua forma escrita” (CARNEIRO e CARDOSO, 2011, p. 89).

Levando em conta este construto, Carneiro e Cardoso consideram que a estratégia utilizada pelo Sila dá vez e voz a uma minoria para expressar os anseios da consciência coletiva.

Podemos chegar a mesma conclusão no texto analítico de Calado e Fonseca sobre a obra *No fundo de canto*, que consideram a autora Maria Odete Semedo como uma mãe preocupada com a situação da sua casa decidiu chamar todos os seus filhos a se unirem por uma causa justa, (CALADO e FONSECA, 2013, p.153) “a voz poética se coloca como mãe e se assume como representante de todas as mães da Guiné-Bissau, como metonímia, inclusive, da mãe terra, mátria, que conduz seus filhos e toma para si as suas dores”. Quer dizer há uma representação dos sentimentos de todas as mães guineense na pessoa da Odete Semedo perante a situação prevalecente na Guiné-Bissau. Facto esse, que podemos constatar nos contos e poemas que estão nessa obra em que a autora faz um resgate histórico para compreensão de um presente doloroso.

Entretanto, segundo as intérpretes Calado e Fonseca podemos considerar a obra *No fundo de canto* de uma literatura menor, por ter a característica de uma minoria que representa a maioria. Apontando autora da obra, Odete Semedo como um exemplo dessa característica na medida que

Em seu tecido poético, a autora se vale do olhar crítico e de sua sensibilidade de mulher e mãe para construir uma voz poética que se posiciona diante dos horrores da guerra, transformando o desabafo individual na tradução do sentimento de todos os filhos da Guiné-Bissau (CALADO e FONSECA, 2013, p.153).

Destacaram também a estratégia linguística utilizada pela autora como uma das questões que faz com que essa obra é classificada da literatura menor, em que a língua de minoria é conjugada com a de maioria para expressar o sentimento do povo guineense através diferentes palavras da língua crioula usada na obra *No fundo do canto*, por exemplo a palavra “*tcholonadur*”⁴ que significa segundo (CALADO e FONSECA, 2013, P.155) “em sua cultura, a voz poética será mensageira, não apenas da história e dos sentimentos do seu povo, mas também transmitirá aos seus interlocutores a mensagem dos *irans*”.

⁴ Tcholonadur – Mensageiro

2.3 Literatura (guineense) enquanto construção histórica

As intérpretes Calado e Fonseca (2013, p. 145) vejam para a obra *No fundo de canto* como um resgate de memória histórica, por considerarem a literatura de um país como o mais rico documento para a reflexão em torno da sua história, da sua política, da sua memória e da sua identidade, pois é capaz de revelar o que a história “oficial” silenciou, ao questionar “as verdades” historicamente construídas, atualizar e redefinir o discurso histórico. As intérpretes Calado e Fonseca (2013, p.147) apontam que todo escritor está inserido em um espaço social, num contexto histórico-cultural, e produz um discurso que não é essencialmente a visão dele, mas também do social em que está inserido. Não há, assim, como desvincular nem o discurso literário das práticas sociais, nem as práticas sociais do discurso literário. Deste modo, podemos entender que as intérpretes Calado e Fonseca querem mostrar que as narrações trazidas pela Odete nessa obra são as traduções daquilo que é a prática social do contexto guineense, e que para compreensão destas práticas requer uma análise histórica profunda. É nessa ordem de ideias que Odete Semedo faz um resgate histórico para entender o que motivou certos comportamentos relacionado ao desvio das utopias libertárias no período pós independência.

Ao fazer as mesmas abordagens, os intérpretes Calado e Fonseca ancoraram-se em Inocência da Mata, ao tratar da contribuição de Conceição Lima na literatura e na questão da identidade nacional em São Tomé e Príncipe, que de maneira geral pode ajudar na compreensão do caso da literatura produzida na Guiné-Bissau a partir de década de 90. Por esta ter afirmado que a literatura ajuda a refazer perfis; configurando sentidos; reinterpretando significados atribuídos a tempo e espaço da história e da sociocultural. Com isso, entendemos que o escritor escreve de um lugar que é também social e, por isso, a sua escrita é a expressão de uma coletividade.

O mesmo acontece com as intérpretes Carneiro e Cardoso ao analisarem a obra *A última tragédia*, em que eles consideram que não há como não estabelecer a relação entre literatura e história. Pois então, a literatura enquanto construção histórica englobam:

Os elementos de conexão e articulação dos fatos históricos são introduzidos por aquele que escreve a história. É por essa razão que a

escrita da história pode tornar-se um gesto de legitimação do poder presente e uma profecia dos vencedores: será sempre assim, porque sempre assim foi (...) (GUSMÃO, *apud* CARNEIRO e CARDOSO, 2011, P.97).

Diante de tudo isso, podemos dizer que a escrita da história está condicionada na perspectiva de quem a escreve. É através dessa estratégia narrativa que as intérpretes Carneiro e Cardoso consideram que Abdulai Sila denuncia caráter fictício da história, que se configura antes, como literatura, como narração, sujeita a ponto de vista. E apontam que Sila busca trazer uma nova narração histórica da Guiné-Bissau no período colonial, ao facto de muito tempo essa história é contada por outras pessoas, “o autor sugere, assim, a ideia de que a narração da história da Guiné-Bissau esteve submetida ao ponto de vista do colonizador e propõe, portanto, uma nova narração” (CARNEIRO e CARDOSO, 2011, P.97). Ainda esses intérpretes afirmam que Sila narra um tempo passado, o da colonização de modo a construir uma nova história e tornar possível um novo futuro, “Abdulai Sila propõe uma releitura do período colonial de seu país, expressando um forte apelo à busca pela liberdade da nação e a afirmação de uma identidade heterogênea” (CARNEIRO e CARDOSO, 2011, P.97).

2.4 Literatura (guineense) como ferramenta de denúncia

Considerando a literatura de um país como o mais rico documento para a reflexão de sua história, política, identidade e da sua memória, podemos também tomá-la como uma ferramenta que nos ajuda a refletir, repensar e retratar um país. A literatura também serve como uma forma de denuncia a certos comportamentos. É nessa ordem de ideias que as intérpretes Calado e Fonseca consideram que a escrita literária *No fundo de canto* da Odete Semedo tem como objetivo denunciar certos comportamentos no período pós-colonial. Isso é feito a partir de um olhar no passado como elemento que nos ajuda a compreender estes comportamentos no presente, “*No fundo do canto* nos trás o relato da nação guineense em meio à corrupção política, ao trauma da Guerra dos Onze Meses, à desilusão diante do cenário de violência, ao fracasso do projeto nacional e à frustração das utopias libertárias” (CALADO e FONSECA, 2013, p.153).

Com isso, é possível chegar a interpretação que a escrita literária da Odete Semedo não tem só a função de fazer denuncia face a certos comportamentos no presente, mas também, fortalece as forças para a construção da nação guineense que foi

destruída perante o cenário despótico da guerra de onze meses, em que a voz poética no *Fundo de canto* “evocará as esperanças na construção do novo projeto de nação da Guiné-Bissau (...) agregando todas as pessoas, de todas as etnias, de todas as línguas, na partilha de um espaço nacional, onde todos tenham igual direito à voz sobre os rumos do país” (CALADO e FONSECA, 2013, P.152).

As intérpretes Carneiro e Cardoso apontam para obra *A última tragédia* como uma tentativa de explicação das origens dos males atuais que Sila faz sobre o seu país, recorrendo ao passado histórico como elemento para entender esses males no presente. Partindo da ideia que essa explicação da origem dos males e a desconstrução de algumas falácias do discurso hegemônico da época, dentre as quais está a de que o africano era um ignorante, não civilizado e incapaz. Tudo isso pode ser entendido através das personagens presentes nessa obra. Ao facto da trama romanesca girar em torno de três personagens ajuda a entender as denúncias das atrocidades praticadas pelo regime colonial português no território guineense e o panorama de como era o convívio entre os africanos e europeus ainda nesse período.

Sendo assim, Carneiro e Cardoso consideram que com a personagem Ndani é possível encontrar o choque direto entre a cultura europeia e a africana ao facto de que este há muito tempo trabalhou na casa de uma família portuguesa, na qual sofreu preconceito e humilhação através da relação tensa que ela manteve com os seus patrões. Com isso torna visível uma marca de violência que regulava a relação entre os colonizados e colonizadores, como explica, (CARNEIRO e CARDOSO 2011, p.89) “lá, ela vivenciara a relação tensa entre colonizado e colonizador e a exploração sexual, da qual muitas mulheres foram vítimas”.

Uma outra questão da denúncia presente no texto realçado por intérpretes Carneiro e Cardoso é o posicionamento do régulo perante a forma de pensar, onde este admite que os africanos podem ter mesmo êxito em planejar as coisas, mas considera que a falta da união não ajuda na concretização das suas ideias, como explicam “o régulo acredita que duas cabeças valem mais do que uma e tem consciência de que os negros de sua terra são tão capazes quanto os brancos que lá estão a dominar, os quais não passam da escória da sociedade portuguesa” (CARNEIRO e CARDOSO, 2011, P.90). Esse pensamento mostra o quanto os homens são iguais, a única diferença é a falta da união que persistiam no seio dos populares da então Guiné-portuguesa o que facilitava a dominação colonos portugueses. Consequentemente essa falta da união persistiu até os dias de hoje, e é o fator instabilidade constante no país.

2.6 Literatura (guineense) na construção da identidade nacional

Segundo as escritas das intérpretes podemos chegar a uma interpretação de que a literatura escrita na Guiné-Bissau nos períodos pós-independência assume a função de ajudar na construção da identidade nacional e na valorização da cultura local. Exposto isso, a escrita literária dos autores guineense sobretudo Odete Semedo e Abdulai Sila não foge dessa função que a literatura guineense vem se desempenhando ao longo dos tempos. Na obra *No fundo de canto* da autora Odete Semedo, as intérpretes Calado e Fonseca trouxeram “relato da nação guineense por meio de corrupção política, a trauma da guerra de onze meses e desvio aos valores que marcaram a luta de libertação nacional” (CALADO e FONSECA, 2013, P.153). Ainda estas intérpretes consideram que a obra *No fundo de Canto* “exerce um papel essencial no estímulo do sentimento de pertença ao território guineense, pois contribui para a tomada de consciência nacional, procedendo a uma ressignificação dos elementos identitários e a uma valorização da cultura multiétnica do país” (CALADO e FONSECA, 2013, P.158).

A obra *No fundo de canto* é um importante instrumento, podendo servir para a construção de uma imagem da moderna comunidade nacional guineense. Segundo (CALADO e FONSECA, 2013, P.159) “essa escrita se configura como um relato de nação porque registra a história atualizada da Guiné-Bissau, a partir da apresentação de eventos, figuras, situações, lugares, vivências afetivas e processos históricos”. Fazendo essas considerações e olhando para um tempo duplo para construção da identidade guineense que vai de um passado histórico para um futuro prospero.

Ao analisarem a obra *A última tragédia*, Carneiro e Cardoso consideram que a percepção sobre a construção da identidade nessa obra pode ser vista através da relação estabelecidas entre os sujeitos africanos e europeus. Onde os negros passaram a refletir sobre o seu lugar na comunidade a partir de encontro com o “branco”, no papel do colonizador. A observarem a obra *A última tragédia*:

O Sila faz uma nova narração da nação, trazendo à tona o ponto de vista dos negros (...), entretanto, o autor desloca o foco narrativo para o lado das minorias e dá voz e ação aos personagens negros, a fim de compreender a identidade guineense por meio da releitura do contato entre guineense e europeu e construir uma nova narração da nação. (CARNEIRO e CARDOSO, 2011, p.96).

Exposto isso, percebemos por meio do texto analítico das interpretes Carneiro e Cardoso que na obra *A última tragédia* Sila admite que há a necessidade de repensar a identidade nacional a partir da perspectiva da cultura africana, mas sempre olhando para o passado para melhor construir o futuro. “Abdulai Sila propõe uma releitura do período colonial de seu país, expressando um forte apelo à busca pela liberdade da nação e a afirmação de uma identidade heterogênea que se caracteriza pelo encontro do tradicional com o moderno” (CARNEIRO e CARDOSO, 2011, p.97)

Face as características presentes neste capítulo, podemos concluir que a literatura escrita na Guiné-Bissau é de facto uma literatura nova. Entendida como uma ferramenta de denúncia, e não só. Pois, desde seu nascimento até os dias atuais continua a dar as suas contribuições para a construção e edificação da nação guineense.

Capítulo II

3 O trágico colonial e as ironias do “destino” percebidos diretamente na escrita de Abdulai Sila e Odete Semedo.

Neste capítulo analisamos as obras *A última tragédia* e *No fundo do canto* dos autores guineense Abdulai Sila e Maria Odete Da Costa Semedo. Com essas obras tentamos compreender como a nação guineense é fabricada pela literatura, tomando os seguintes tópicos como norteadores do nosso objetivo; 1- violência Colonial; 2- resistência e luta pela libertação da Guiné-Bissau; 3- o contexto pós-colonial e as suas repetições, como objeto dessa compreensão.

A escolha destas duas obras para análise no segundo capítulo justifica-se, pela necessidade de responder à pergunta formulada dentro da delimitação cronológica deste trabalho (1963 a 1998). As duas obras selecionadas nos apresentam uma tentativa de explicação da origem dos desafios atuais de Guiné-Bissau. A obra, *A última tragédia* do Abdulai Sila traz consigo um retrato de contexto histórico da Guiné-Bissau desde período da baixa colonização africana, (contém período após a Segunda Guerra Mundial em 1945 até a década de 1970 em que a África foi totalmente livre da colonização europeia) até a pós-independência. A obra *No fundo do canto* de Maria Odete da Costa Semedo relata o período pós-independência, principalmente a década de 90 que contém os acontecimentos tais como abertura política em 1992, a realização da primeira eleição democrática em 1994 e a primeira experiência da guerra civil de 1998. O que implica que este capítulo vai ser dividido em três grandes momentos conforme os tópicos acima delineados. Logo, nos dois primeiros tópicos desse capítulo como supracitados é referenciado. Tentamos compreender de que maneira a relação estabelecida entre os colonizadores e colonizados no período da baixa colonização que compreende os anos 50 e 60 de século XX, influenciaram na formação dos movimentos da libertação na Guiné-Bissau tomando a obra *A última tragédia* como fonte principal para essa compreensão. Como esta é uma obra com muitos detalhes não foi possível toda a sua descrição, o que conseqüentemente nos leva a escolher alguns personagens presentes nessa obra para compor a nossa interpretação.

No terceiro tópico, recorreremos a obra *No Fundo do Canto*, onde analisamos e interpretamos alguns poemas presentes nesta obra, para entendermos o que motivou a

repetição de certos comportamentos no período pós independências, e levou Guiné-Bissau à guerra civil, com início em junho de 1998 e termino em maio de 1999. Para muitas pessoas essa guerra é a extensão da guerra colonial, mas em uma versão nacional por ser entre os irmãos de um mesmo sangue.

Vale também ressaltar que o foco deste capítulo não é trazer as discussões detalhadas de como foi a violência colonial, a resistência, o pós-colonial e as suas repetições, visto que demandaria outro estudo. Sendo assim, a nossa análise centra-se em tentar compreender esses tópicos a partir das personagens e poemas presentes nas obras escolhidos para esse estudo.

3.1 Violência Colonial

O presente tópico visa analisar como era a vivência entre os colonizadores e colonizados no período colonial, tomando a obra *A última tragédia* como o principal elemento para essa compreensão. Sendo assim, através da personagem Ndani, o narrador apresenta-nos um panorama histórico de como era o convívio (marcado pela violência) entre africanos e europeus ainda no período colonial. Ndani é uma adolescente de 13 anos, sobre quem paira uma maldição: sua vida séria, sempre marcada por tragédias.

Com intuito de se livrar dos conselhos de um Djambakus⁵ que dizia a Ndani que o seu corpo é habitado por um espírito mau, o que faria com que a sua vida fosse marcada pela desgraça e tragédia. Ndani foi obrigada a partir de Biombo (aldeia natal da personagem) para Bissau, “onde o poder e a influência do invasor eram muito marcantes” (AUGEL, 2011, p.9), como podem ver no mapa abaixo, a cidade de Biombo fica a Oeste da capital, a 60 km.

⁵ Djambakus – Curandeiro; Feiticeiro.



Foto: acervo google imagem.

Na cidade, depois de várias tentativas de pedido de emprego, com muita humilhação e ouvir muitos não⁶, finalmente conseguiu um emprego na casa de um casal português como empregada doméstica, sendo assim, a jovem tomou o destino de muitas outras meninas que se empregam como criadas. Por lá a jovem aprendeu a língua e o costume dos europeus, também é alfabetizada e catequizada.

Ela tinha preparado minuciosamente a viagem. Ninguém sabia de nada em Biombo. Ninguém, a não ser a sua madrastra amiga. Com ela aprendera aquela frase que estava repetindo vezes sem conta. (...); aprendera inclusive algumas regras do comportamento que os patrões brancos exigiam dos criados pretos, maneiras próprias de responder, gestos indiciadores de obediência e de subserviência. (...) sinhora⁷, quer criado? (SILA, 2011, p.23).

Entretanto, houve um total estranhamento entre as partes (a Ndani e os patrões) nos primeiros tempos, por pertencerem a culturas diferentes, o que consequentemente fez com que a patroa de Ndani mudou o seu nome para Maria Daniela, por achar que o nome Ndani era comunista. Como escreve, Sila:

Primeiro, foi o nome que lhe oferece. Ainda se lembrava bem da cena, no dia a seguir àquele em que tinha vomitado a cozinha toda (...) foi o

⁶ Nau – resposta negativa

⁷ Sinhora- Senhora

estomago que a traiu. Essas acontecem às vezes, na verdade podiam acontecer a qualquer pessoa que estivesse na situação em que ele se encontrava (...). Só a senhora é que não entendeu assim. Se calhar, deve ter pensado que era costume de preto vomitar quando come sopa de branco. Por isso lhe quis bater; foi a filha mais nova dela, a Mariazinha, que a salvou. Nesse dia de manhã, Dona Linda mostrava ares muito furiosa quando se lhe dirigiu:

- Como é que te chamas?

- Humm?

- O teu nome, Caramba!

- Aah, Ndani, senhora. Ndani.

- Como é que é? Dânia? Dânia..., mas este é um nome russo, nome comunista. Ave Maria! Vocês arranjam cada uma... com tantos nomes bonitos portugueses que há por aí, o teu pai escolhe para ti um nome russo! É assim que começa a insurreição comunista. Com coisas simples como estas (SILA, 2011. p.31).

Ndani, aliás, Maria Daniela assume o novo nome e a nova personalidade, para se adequar aos padrões portugueses, e este facto pode ser considerado uma das principais marcas de violência da colonização portuguesa em diferentes territórios onde passaram. Não achamos verbos nem palavras para caracterizar essa tamanha violência que é ocasionada pelos colonos portugueses. O que aconteceu com a Ndani é um exemplo de milhares de pessoas e pessoas que em todos os territórios colonizados que perderam as suas identidades e os seus nomes em detrimento dos outros nomes estrangeiros para se adequarem aos padrões europeus da época. Um outro aspecto da violência que podemos destacar na personagem Ndani é quando ela foi violentada sexualmente pelo seu patrão na ausência da sua esposa que preocupava tanto com a missão de salvação da alma dos “indígenas”, o que mais tarde obrigou a sua expulsão na casa do seu patrão. Como explica Sila:

As exigências da missão e os sucessos continuo da sua ação afastavam-na cada dia mais do seu lar. As suas preocupações pelas almas a salvar levaram-na a esquecer um vício antigo do marido: violar criadas.

Lembrou-se disso um dia à tarde, quando regressou à casa antes de hora habitual e ouviu gemidos no quarto da criada. Não foi necessário entrar no quarto, soube logo o que tinha acontecido. O que não soube foi o que dizer ao marido, que naquele preciso momento abandonava o quarto da criada com o rosto a sangrar de arranhões, a camisa aberta, as calças desabotoadas, os pés descalços (SILA, 2011. p.66).

A prática de violência sexual com empregadas domesticas foi bem comum no período colonial, um exemplo disso, fica claro nos trechos em que a patroa da Ndani lembrou do vício antigo do seu marido que era “violar criadas” (SILA, 2011. p.66). Isto

mostra que esse tipo de violência era prática corrente no período colonial. Em que senhores “brancos” violavam criadas negras sem serem responsabilizados. Ainda podemos relacionar a violência sofrida por Ndani com as discriminações e a violência que a sociedade colonial ocasionou aos povos colonizados.

Um outro personagem que nos ajuda a refletir sobre esse tópico da “violência colonial” é o Régulo de Quinhamel. Com a sua ideia de construção da escola, uma vez que o sistema colonial na Guiné-Bissau foi criminosamente “ausente em matéria de educação” (AUGEL, 2007, p.307), e muito cedo o Régulo descobriu esse desinteresse e decidiu construir uma escola para os populares de Quinhamel como forma de preparar a sua gente para lutar contra a dominação colonial. Segundo Augel, “Abdulai Sila reverte a situação e atribuiu ao regulo a iniciativa de com seus próprios meios, construir uma escola em sua aldeia e contratar um professor por ele mesmo escolhido, africano e filho daquela terra” (AUGEL, 2007. p.307).

Não tinha ouvido falar da escola? Pensam que aquilo foi ideia de algum branco? (...). Foi ele que insistiu, uma escola fazia muita falta em Quinhamel (...). Foi ele quem disse que tinha dinheiro para construir a escola, os outros tratavam só do professor, que aliás até já tinha identificado um professor competente para pôr lá. (...) A escola é primeiro que tudo um sítio onde as pessoas aprendem pensar. É isso mesmo: aprendem a pensar. Depois é que vem o resto (SILA, 2011, p).

É importante salientar que segundo o Estatuto do Indigenato a sociedade colonial era dividida de forma discriminatória, conferindo direitos e poderes para uns e não para os outros⁸. Esta legislação fez com que educação no período colonial fosse um privilégio para as pessoas de uma determinada classe “alta” da sociedade, como aponta Augel:

O estatuto de Indigenato era posto em prática com mão de ferro, separando clara e discriminadamente os ‘indígenas’ da rarefeita camada dos ‘civilizados’ aqueles que falavam minimamente o português ou pelo menos crioulo, tinham adquirido hábitos urbanos e tinham o privilégio de um rudimento de escolarização (AUGEL, 2007. p.59).

Entretanto, é fácil perceber que a sociedade colonial era minada por separações, o que podem ser percebidas como práticas da violência colonial já que estas separações

⁸ Estatuto do Indigenato. Foi criado em 1926 e mantido em vigor, salvo pequenas reformulações, durante 35 anos até ser abolido em 1961. Nele, o africano era definido pela obrigação para o trabalho e como o principal objeto da ação colonizadora, ver... Abrantes (2013).

causam discriminação e separação entre os colonos e os colonizados. A obra *A última tragédia* no seu capítulo sexto nos trás exemplo de separação que a vivência colonial propunha, quanto a divisão dos times para prática de futebol que se realizava todos os finais de semana em Catió. Por esta razão, Sila escreve, “Casados eram todos os brancos e mestiços, funcionários e comerciantes, todos os civilizados e alguns assimilados. Solteiros era tudo quanto era preto independentemente da idade ou número de mulheres que tinha” (SILA, 2011, p.154). Assim sendo, podemos chegar a uma interpretação que ao mesmo tempo que o futebol unia as pessoas no Catió por ser a prática semanal, e ao mesmo tempo é do mesmo tempo segregava seus integrantes, como remata Bispo, “os nomes das equipes não têm qualquer relação com a identidade dos times, no entanto são nomes corriqueiros na formação de equipes de futebol em situações informais, como também é a expressão com camisa e sem camisa” (BISPO, 2013. p.73). Como podemos constatar embaixo no mapa, a cidade de Catió fica no Sul da Guiné a 250 km a capital Bissau.



Imagem 2: acervo google imagem.

Foi numa dessas partidas de futebol organizada todos os finais de semana, que o professor por ser um dos portadores de sentimento de rancor contra o regime colonial veio arrumar uma confusão com o filho de novo administrador que estava de chegada em Catió, facto esse que aconteceu durante o jogo “o jovem que o cobria não fazia outra coisa senão caçar as suas pernas” (SILA, 2011, p.58), ao notar isso, “o professor decidiu dar uma lição ao jovem. Ao receber a bola de um companheiro ofereceu-a propositadamente ao rapaz, que logo levantou o pé para pontapeá-la com força para frente. Deu-lhe uma staka⁹ tão bem dada que caiu de imediato e começou a gritar” (SILA, 2011, p.158). O pai de rapaz não gostou e invadiu o recinto de jogo.

O novo administrador invadiu o retângulo do jogo. Correu em direção ao professor. Levantou o braço. Desferiu uma violenta bofetada na face do professor. Ficou durante uns momentos sem saber como reagir. Foi tudo tão rápido tão surpreendente, tão violento. Só quando viu a mão subir outra vez no ar é que se deu conta do que estava sucedendo. Na sua memória surgiu como um relâmpago uma cena idêntica, passada há muitos anos atrás na sua tabanca natal. Um comerciante branco tinha acabado de esbofetear o seu pai. Viu a mão branca a aproximar-se outra vez do seu rosto (...). Desviou todo o tronco para trás e viu a mão a passar perto do seu nariz, assobiando. No instante seguinte era o seu punho a embater nas bochechas do branco. Depois seguiu-se um outro golpe na face e outro ainda que fez sair um jorro de sangue do nariz e um grito agudo da boca do administrador (...). Os colegas de equipa interviram no preciso momento em que se preparava para desferir uma série de outros golpes. Ainda disse e muita agente ouviu: vou matar este filho da puta! (Ibid. 2011. P.159).

A reação violenta tomada pelo professor contra o administrador português, levou com que este último não resistiu e acabou por morrer. Dado ao acontecimento, o poder local não fez nada a não ser acusar o professor de assassinado do administrador, que misteriosamente foi encontrado morto. O professor foi rapidamente condenado e mandado para São Tome para cumprir a pena, o que Augel (2007) considera “um dos mais severos castigos que os colonizadores imputava aos colonos rebeldes” (AUGEL, 2007, p. 307)

O ato de bater no administrador, ou seja, tirar sangue do corpo de branco não era algo novo em Catió, já tinha acontecido uma vez, com uma pessoa há vários anos, como explica Sila:

⁹ Staka – Meter o pé em riste

Mbunh Lambá, um nghaye¹⁰ muito corajoso. Primeiro, pegou no administrador e pô-lo no chão. Com violência. A seguir meteu o seu pé em cima de boca dele, daquela boca que o tinha insultado chamado de ladrão sem vergonha. Depois, pegou-lhe o braço e partiu-o em dois sítios. Aquele braço onde estava a mão que lhe tinha dado duas bofetadas. Ele tinha avisado ao Administrador que não admitia mão de ninguém em cima de seu rosto. Partida aquela mão. O Administrador rira-se e depois dera duas bofetadas no seu rosto.

Morreu cheio de balas no corpo, Mbunh. Ainda ficou um dia amarrado no mastro de bandeiras o corpo já tinha morrido. O seu sangue ainda estava nas raízes do mangueiro que fica à frente da administração (SILA, 2011, p. 162).

São fatores como esse que levaram Castro *apud* Bispo (2013, p. 46), a considerar que “o colonialismo português foi certamente o pior conhecido de todos, pois se valeu da violência demasiada, da imposição de trabalhos forçados, do controlo de deslocamento do extermínio da população nativa”. E estas por perceberem tal facto decidirem desencadear uma série de resistências que mais adiante abordaremos.

Para fechar essa sessão seguiremos com a última marca de violência presente na obra *A última tragédia* que é do Obem Ko, o pai do professor, que depois de protestar contra um comerciante português “chamou este de ladrão. Este ficou com raiva e deu-lhe uma bofetada. Ele deu-lhe três, mais um pontapé. Depois foi a prisão e o trabalho forçado. Pouco tempo depois da sua morte, policia foram a Ilondé e prenderam o seu tio” (SILA, 2011. p.107).

Portanto, através de alguns personagens presente na obra *A última tragédia* observamos que a relação entre colonizador e colonizado no período colonial foi marcada pela violência de diferentes ordens, praticado pela administração colonial e assim como pelo seus agentes.

3.2 Resistência e a luta pela independência

A presente sessão joga luz sobre como se desencadearam os processos de resistências e a luta pela independência na Guiné-Bissau, tendo como protagonistas para essa compreensão os personagens das obras escolhidas para esse estudo. Entretanto, é importante salientar que não é do nosso interesse neste trabalho fazer uma análise detalhada de todo o processo da resistência e de luta pela independência. Contudo, com

¹⁰ Nghaye – Jovem da etnia Balanta que ainda não foi ao fanado.

diferentes personagens presente na obra *A última tragédia* buscaremos compreender a maneira como se desencadeou essa resistência que veio a culminar num confronto armado entre colonizadores e colonizados.

Como é óbvio, é importante salientar que o período da colonização não ocorreu com total passividade dos africanos, um exemplo claro são os populares que habitam o território hoje conhecido como Guiné-Bissau. Devido às condições regionais e a configuração social, as resistências étnicas na Guiné-Bissau ocorreram de forma dispersa, quer dizer cada grupo étnico fazia a resistência da sua forma, e na sua região, levando em diferença das etnias. Essas resistências aconteceram em períodos diferentes, como aponta Monteiro:

Destaque-se que, na Guiné-Bissau, as resistências tiveram características regionais e étnicas, devido à configuração social do país, sendo que cada grupo étnico pertence a uma terra. É neste sentido que os processos de resistências étnicas foram desencadeados de forma regional por cada grupo étnico. Todavia, a divisão não se limitava ao espaço geográfico, mas também às tradições culturais destas etnias, ou seja, às formas de organização social e cultural de cada sociedade (...) Nessa conjuntura, cotejando a cronologia histórica, pode-se classificar os processos de resistências em duas etapas: a primeira são as resistências étnicas, denominadas de “resistências primárias”, comandadas por alguns segmentos étnicos contra a ocupação portuguesa entre 1913 e 1936; as chamadas “resistências secundárias” tiveram o seu marco a partir de 1952, quando as primeiras organizações urbanas clandestinas surgiram lideradas pela elite intelectual local contra a administração portuguesa. (MONTEIRO, 2013, P.103-104).

Justamente falando da primeira etapa destacada pela Monteiro é que podemos destacar na personagem Ndani e nas suas colegas de catequese que de uma forma aparente usam alguns truques para enganar os seus patrões como fica claro no trecho “o fundamental é fazer o que patrão quer” (SILA, 2011, p. 44), dizia ela. Essa submissão, no entanto, era somente aparente, consequência do medo de uma possível vingança violenta do branco. Segundo Valandro “havia várias maneiras, vários truques que aprendera para enganar o patrão” (VALANDRO, 2011, p. 67). Ndani e as demais colegas criadas, sozinha na igreja conversam sobre a vida dos seus patrões, enquanto fingiam “que estavam a rezar” (SILA, 2011, p. 49). E podemos perceber que essa atitude tomada pela Ndani e os colegas como uma resistência cultural perante os seus senhores, o que (CABRAL apud VALANDRO, 2011, p. 67), “considerava a mais efetiva forma de insubmissão”.

Um outro personagem que nos ajuda entender essa resistência singular é o Régulo Bsum Nanki, isto é, o chefe tradicional de uma aldeia (Quinhámel), que imbuído de sua responsabilidade face à comunidade nativa, dirige com sabedoria sua gente. Ele acreditava tanto na igualdade entre as raças, via o “pensar” como a principal arma que os africanos tinham para provar essa igualdade e reconhecia “que muitos males provocados pelo colonizador poderiam ser minimizados se o povo tomasse consciência da própria força e capacidade” (AUGEL, 2011, p.7).



Imagem 3: acervo google imagem.

Uma das marcas da resistência empreendida pelo Régulo de Quinhámel é a sua desobediência em não pagar imposto à administração colonial, alegando que os seus antecessores nunca pagaram esse imposto, e ainda testemunha que “os homens-grandes diziam que dantes, quando o branco chegou, ele é que pagava imposto ao preto. Agora os pretos é que pagam. As coisas mudaram” (SILA, 2011, p.69). É importante salientar que essa mudança das coisas ditas pelo Régulo é motivada pelo processo de aliciamento que os chefes tradicionais sofriam com o regime colonial como aponta Monteiro, “Esse cenário de aliciamento dos chefes tradicionais, como funcionários administrativos

coloniais, é que facilitou a aplicação do imposto de palhota sobre habitações dos indígenas, e não só como outras formas de exploração, que orientavam a política colonial” (MONTEIRO, 2013, P.102).

O Régulo não só resistiu a pagar o imposto, mas também não gostou de atitude dita em “teste” pelo chefe de posto. Como aponta Sila:

Não gostou de ouvir essa história. O chefe afinal só queria gozar com ele! Ele lhe tinha comido um porco gordo e um bode capado e ainda queria fazer teste com ele. Teste para quê! (...). Tinha que encontrar uma forma de se vingar daquela partida. Dois dias sem dormir, só a pensar na vergonha que era ele também ter que pagar imposto. O que é que pensaria então a população? (...). Se todos tinham que lhe dar respeito era porque viam que o branco também lhe dava respeito (...). Não pagava imposto obrigatório e isso era prova de respeito (...). Significava que mesmo o branco sabia que ele não era um indígena também não era. Porque um indígena qualquer como os outros pagava imposto todos os anos e tirava o chapéu da cabeça sempre que via o chefe perto (SILA, 2011, p.74-75).

No referido romance, o autor mostra um caso paralelamente diferente, onde “O régulo, a autoridade tradicional daquela comunidade, fazia uma oposição clara e aberta ao chefe do posto, e ambos viviam em permanente confrontação” (AUGEL, 2007, p. 308).

O Régulo de Quinhamel é o exemplo da resistência dos papéis e não só, mas de todas as etnias envolvidas no processo de resistência contra o regime colonial português desde da sua chegada em 1446. Como aponta Monteiro:

Durante esse período de aproximadamente cinco séculos (1446 a 1974), os habitantes da Guiné-Bissau travaram sangrentas lutas de resistências contra os colonialistas portugueses, que oscilavam entre as questões inerentes à submissão ao pagamento de impostos, ao cultivo forçado de produtos de exportação, trabalho forçado, serviço militar, obediência às autoridades portuguesas, etc. Não obstante, os processos de resistência foram relativamente dispersos, moldados pelas reações individuais, isoladas e fragmentadas de todos os grupos étnicos, que gravitavam entre a revolta aberta e a resistência passiva (MONTEIRO, 2013. p. 101).

Perante as inúmeras revoltas e resistência a questões inerentes acima citada, o regime colonial português desencadeou uma série de massacres violentos sobre as etnias em defesa denominada “campanha de pacificação” em todo o território da “Guiné Portuguesa” nas quatro primeiras décadas do século XX. As campanhas funcionavam“(…) sob a condição para o término dos ataques se os indígenas

entregassem todas as armas e cumprissem o pagamento do imposto de palhota, sendo que os que estavam envolvidos teriam que pagar impostos de três anos” (MENDY *apud* MONTEIRO, 2013.p. 104). A referida campanha teve sucesso porque os portugueses utilizaram todas as suas artilharias pesadas contra os nativos mal preparados militarmente, e estes mesmo assim resistiam a não pagar os impostos a regime colonial. Conforme Monteiro:

Sem dúvida, foi uma das campanhas mais violentas, caracterizada por uma guerra desigual, já que os nativos de uma forma geral só dispunham de flechas e armas artesanais, que nada equivaliam em relação a uma artilharia portuguesa. Contudo, resistiram às batalhas causando também baixas aos portugueses, graças ao recurso das tradições religiosas (uso da arte e da feitiçaria), uma das importantes “armas” no combate à exploração e à opressão portuguesa mesmo depois, nas frentes da luta armada de libertação nacional (MONTEIRO ,2013, p.106).

É importante salientar que a referida resistência também ocorre nos centros urbanos pela elite intelectual guineense em um período posterior, que, mesmo sendo ainda o período colonial, demandava a integração desses pensadores à sociedade portuguesa. Como explica Monteiro:

Na contramão dos fatos, surgem as primeiras manifestações de caráter reivindicativo, que almejavam a integração na sociedade portuguesa conduzida por uma pequena elite assimilada da Guiné-Bissau denominada de protonacionalismo Bissau-guineense; a Liga Guineense, criada por iniciativa de uma pequena elite dos filhos de Bolama, surgiu como a primeira organização política do país de convicção republicana, ainda que de forma tímida, fundada em 1910, pelos mestiços e grumetes de Bolama (MONTEIRO ,2013, p.108)

Diferente do pequeno grupo formado pela elite assimilada da Guiné-Bissau, o Régulo Bsum Nanki e o professor seriam as personagens ideais na obra *A última tragédia* para nos ajudar a compreender como é que essa resistência veio a culminar na luta de libertação da Guiné-Bissau, já que algumas das suas convicções sobre como expulsar os “brancos”, ou seja, lutar contra o regime colonial coincidem com as de Amílcar Cabral.

Sendo uma autoridade muito respeitada, com uma sabedoria incomparável e postura de digna Independência, o Régulo acha que sendo apenas ele para resolver os problemas dos populares de Quinhamel pode ser muito difícil, ou se não, pode causar muitos erros nas tomadas de decisões. Então decidiu nomear outras pessoas para lhe ajudar com conselhos perante fatos que lhe chegaram. Assim, teria a capacidade de

resolver isso com facilidade, ao acreditar que os “pretos” da sua terra são tão capazes quanto aos “brancos” que lá se encontravam.

Duas cabeças valem mais que uma cabeça. Ele tinha posto três cabeças a juntar à sua. E não eram cabeças quaisquer, cabeças ocas que não sabem pensar. Eram cabeças de gente que sabia o que fazia, conhecia maduramente a vida, tanta vida de preto como vida de branco. (...) A maior parte dos brancos que vêm para a Guiné é branco coitado. É para arranjar a vida porque lá na Metrópole não tem nada. Se é do Norte, é pescador. Se é o do Sul, também é pescador. Se é do Centro, é camponês, o trabalho dele é lavar batata ou apanhar uva para fazer vinho. Quando chegam cá, esquecem tudo e pensam que as pessoas não sabem. Mas ele sabia. Sabia até muito (...). Foi o chefe Magalhães que lhe explicara tudo aquilo, como é que era a vida na terra deles. Era uma boa pessoa, o Magalhães. Era o melhor branco que tinha conhecido até então. Muito simples e honesto, até nem parecia branco de verdade (SILA, 2011, p. 67-74).

Essa posição de Régulo apresenta uma filiação clara ao pensamento do Amílcar Cabral, o grande teórico revolucionário, fundador do movimento revolucionário da libertação da Guiné e Cabo-verde contra o jugo colonial português. Amílcar Cabral era filho do um cabo-verdiano e de uma guineense, nascido em 12 de setembro de 1924, que teve instrução profissional em Lisboa, onde cursou o curso de Agronomia. E desse período em que estudava em Lisboa que começou a articular as estratégias sobre a libertação da África sob o jugo colonialista, tendo alguns colegas que tinham o mesmo pensamento como é o exemplo do angolano Agostinho Neto e Mario Pinto de Andrade, etc., na Casa dos Estudantes do Império (CEI)¹¹. Amílcar Cabral, pertencente às duas colônias, juntou-se aos outros cinco camaradas em Bissau para fundar aquilo que veio a ser um dos mais importantes movimentos revolucionários contra o regime colonial na África lusófona que é o PAIGC, fundado em 19 de setembro de 1956 com objetivo de libertar a Guiné-Bissau e Cabo-Verde. Como explica Augel:

Em 1956 (19 de setembro), com ‘mais 5 patriotas da Guiné e Cabo-Verde’, ousou a criação, em Bissau, do Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo-verde, cujo objetivo foi ‘a conquista imediata da independência e a construção da paz, do bem-estar e do progresso para o povo da Guiné e Cabo-verde’ (P.A.I.G.C. apud AUGEL, 2007, p. 61).

Ainda o regulo chama atenção sobre esse modo de pensar, considerando que todos devem pensar bem, e precisam disso, mas arremata dizendo “se uma pessoa normal tem que pensar bem, então uma pessoa que é Régulo tem que pensar muito

¹¹CEI – Casa dos estudantes do Império localizada em Lisboa.

melhor. Por quê? Porque cada coisa que ele faz ou não faz, as pessoas dizem logo que foi por isso, foi por aquilo, foi por aquele outro” (SILA, 2011, p. 76). Para não fracassar e por ser uma só pessoa, Bsum Nanki nomeou três conselheiros que lhe ajudaram a pensar bem para melhor resolver os conflitos que são levados por seu povo. Assim, ele “tinha posto três cabeças a juntar à sua” (SILA, 2011, p. 670). Este é um outro elemento importante a destacar em relação ao personagem do régulo com o pensamento político e filosófico de Amílcar Cabral, quando este fala que o PAIGC precisa ser dirigido por todos. Valandro também sugere que “Ele se referia ao PAIGC, que, necessariamente, deveria ser dirigido coletivamente” (VALANDRO, 2011, p. 59) o que significa que só com envolvimento de todos é que o PAIGC poderia ganhar forças suficientes para se libertar do jugo colonial português.

Um outro elemento importante que podemos destacar na personagem do Régulo do Quinhamel é o seu respeito, ou seja, a sua forma sábia de diferenciar o tradicional e o moderno, quando consulta os mentores espirituais da comunidade em cumprimento às cerimónias rituais. Mas ao fazer isso, traz novidades, não receando em assumir outras posturas que não as ditadas pelos “usos e costumes”. Como é o caso da vingança, quando o Régulo decidiu preparar um plano de vingança contra administrador Cabrita, na medida em que este ordenou que ele tinha de pagar o imposto. O Régulo, por sua vez, rejeitou esse facto, admitindo que ele como autoridade máxima dos nativos em Quinhamel não podia pagar impostos. Neste ponto, Valandro aponta um ponto de coesão entre o ato praticado pelo Régulo com a ideia de Amílcar Cabral “isso porque, assim como o líder revolucionário, o Régulo percebeu a necessidade de levar em consideração o inimigo, ter em conta suas forças e fraquezas (...). Dessas convicções, surge a necessidade de criação da escola” (VALANDRO, 2011, p. 60). Conforme Sila:

As pessoas as vezes pensam muito e podem esquecer, logo é preciso escrever para não esquecer. Daí as pessoas aprenderem a pensar (...). Se um dia os brancos forem embora, não devia haver mais nem polícia, nem nada parecido. Devia haver muitos professores para ensinar. O branco não vai nunca? Aí é que está o problema do preto, não quer pensar como é que o branco veio, por isso não sabe que um dia tem que ir (...). Isso de luta entre raças foi sempre assim, é como uma luta de cachorros: agora um está embaixo, o outro em cima; depois o que estava embaixo vai para cima e o outro para baixo. O branco veio, tem que ir um dia. Ainda há de aparecer um preto com coragem para pensar nisso. Um preto que vai descobrir todos os pontos fracos e pontos fortes do branco para depois combatê-lo. Alguém já disse que quando uma pessoa consegue descobrir as

fraquezas do inimigo pode vencer, mesmo se for mais fraco (SILA, 2011, p. 100- 101).

Neste sentido, o Régulo decidiu construir uma escola em Quinhamel, mesmo sendo que esta é uma característica da cultura europeia incorporada na sociedade local. Ele considera que “não é coisa de querer copiar os brancos ou de arranjar fama” (SILA, 2011, p. 100), mas sim, “é só uma questão de pensar, pensar no futuro (...). A escola é o primeiro que tudo um sitio onde as pessoas aprendem pensar” (ibid. 2011, p. 100). O Régulo quer mostrar que para que o cachorro que está em baixo ir para cima do que estava em cima é preciso construir um lugar que ensine a pensar, e isso vai ajudar futuramente para se ter uma sociedade de pessoas que saibam pensar e pais de famílias que pensem bem. Somente assim surgirão homens capazes de dar seguimento aos trabalhos iniciados por ele como ele mesmo disse: “quem não tem cabeça para pensar, não serve: não pode ser chefe, não pode ser professor e nem vai poder ter filho, que é para evitar o problema de herança (ibid. 2011, p. 101). A escola faz parte das principais ideias defendidas por Amílcar Cabral na libertação da Guiné e Cabo-verde, tudo porque no período colonial a escola era oferecida apenas para os assimilados, sendo assim, o Amílcar Cabral decidiu construir uma escola para instrução dos jovens recrutados para as fileiras do PAIGC. Conforme explicada na citação a seguir:

Escola-piloto, que é um dos elementos essenciais do nosso ensino, que está a abrir caminhos para preparar quadros, para servirem amanhã o futuro da nossa luta, quadros que podem ser tanto militares como políticos, tanto eletricitas como operários de qualquer ramo como doutores ou engenheiros ou enfermeiros ou radistas ou outras especialidades qualquer [que ninguém pense que ir para a Escola-Piloto quer dizer que vai ser só doutor ou engenheiro, porque engana-se (CABRAL Apud VALANDRO).

A ideia de criação da escola imposta pelo Régulo que coincide com a ideia de Cabral quando este mostra o quanto é importante preparar as pessoas para ganharem a consciência de que realmente é bom lutar contra o que põem em causa a sua liberdade, nesse caso a política colonial.

Um outro personagem presente na obra *A última tragédia* que nos possa ajudar a compreender o processo da resistência e luta pela independência é o Professor, que o “seu ideal como mestre não se traduz em transmitir aos alunos a cultura do branco, mas sobretudo instrumenta-lo para enfrentar as mudanças de modernização que não podiam ser mais evitadas” (AUGEL, 2011, p. 10).

Em vez de falar-lhes do que mais lhes interessava, o professor tinha incompreensivelmente, gasto muitas palavras em fazer-lhe acreditar que só se pagassem teso nos livros se viessem todos os dias à escola, é que podiam vir a ser verdadeiros Homens; que só daquela maneira poderiam saber mais que ele, o professor (...). Quando, ao terminar, lhes disse que se estudassem muito poderiam vir a ser homens mais importantes que um chefe, nenhum dos alunos soube evitar uma longa gargalhadas (SILA, 2011, p. 108).

Além de instrumentalizar os seus alunos face aos desafios da colonização, o professor também era uma pessoa que sabe muito bem diferenciar o tradicional do moderno. Como remata Sila:

Logo no primeiro encontro tinha sido uma surpresa. Tinha ido somente falar mantenha, saber se o corpo estava bom, se a família e os parentes estavam todas com saúde, se não havia problemas com ninguém. Era a tradição e ele respeitava a tradição, pelo menos enquanto não entrava em contradição com as suas convicções religiosas. Isso ele dizia a toda a gente, sem vergonha. Era cristão batizado e crismado, não podia acreditar em certas coisas em que a gente acredita na tabanca. Não dá. Por exemplo, não acredita que o *Yran*¹² existe. Deixou de acreditar nele há muito tempo. (...). Agora a tradição era uma outra coisa. Todos os povos tinham uma tradição. O português tem a tradição de comer bacalhau, o italiano tem a tradição de ser mafioso. (...) Cada um com sua tradição! Lá na terra, a tradição era falar mantenha aos Homens-Grandes da tabanca quando alguém novo chega. Não tem nada de negativo, isso não tem nada a ver com assuntos de igreja (SILA, 2011, p. 108-109).

O professor mostra claramente que a tradição não pode comprometer a sua convicção religiosa e admite que todos os povos do mundo têm as suas tradições. A tradição era uma coisa que não tem a ver com a religião. No entanto, o autor quer nos mostrar que o colonizador só podia ser vencido se a tradição fosse respeitada. É nessa ordem de ideias que Carlos Lopes mostra a sua preocupação com o tema cultural (ferramenta importante para a luta de libertação):

A cultura revela-se como o fundamento do movimento de libertação, e só podem mobilizar-se, organizar-se e lutar contra a dominação estrangeira as sociedades e grupos humanos que preservam a sua cultura. Esta, qualquer que sejam as características ideológicas e idealistas da sua expressão, é um elemento essencial do processo histórico. É nela que residem a capacidade (ou a responsabilidade) de elaborar e fecundar os elementos que asseguram a continuidade da História, assim como determinar as possibilidades de progresso ou regressão da sociedade. Assim – porque uma sociedade que se liberta verdadeiramente do jugo estrangeiro retoma a rota ascendente da sua própria cultura, que se nutre na realidade vivente do meio e nega tanto influencias nocivas como todas as formas de sujeição a culturas

¹² Yran – Deus; espírito sagrado

estrangeiras – a luta de libertação é antes de tudo o mais um ato de cultura (CABRAL *apud* LOPES, 2004, p. 3).

Essas assertivas mostram a especificidade e a forma dramática com que o nacionalismo africano tomou, servindo de arcabouço teórico para a mobilização e movimentação dos intelectuais africanos na constituição das identidades nacionais. Tanto o Régulo, assim como, o professor acreditavam que somente com a escola os africanos podiam se libertar do jugo colonial. Como aponta o Cordeiro, Dias, Rodrigues e Laet:

Amílcar já sabia que o sucesso do processo de independência dependeria da efetiva participação da maioria do povo guineense, sobretudo da população analfabeta e rural do país. Era preciso então criar, através da mobilização política, uma consciência pela causa libertária e gerar uma base de pessoas tecnicamente capacitadas e dispostas a executar o projeto revolucionário (Cordeiro, Dias, Rodrigues e Laet, 2013, p. 11).

O professor, sendo um dos portadores de sentimento de rancor contra os “brancos” e do regime colonial, também surge como o exemplo das inúmeras resistências particulares desencadeadas pelos populares da então “Guiné Portuguesa” (como era assim chamada no período colonial). A Quando numa partida de futebol reagiu ferozmente contra um jovem português que entrava no jogo com objetivo de intimidar e caçar as suas pernas. Considerado como o homem de jogo naquele desafio entre solteiros e casados – o que não era bem assim, mas sim, entre os “brancos” contra os “pretos” - o pai de jovem não gostou de atitude tomada pelo professor contra o seu filho, invadiu o terreno do jogo agredindo o professor, e teve como resposta um violento golpe na cara. Como escreve Sila:

O novo administrador invadiu o retângulo do jogo. Correu em direção ao professor. Levantou o braço. Desferiu uma violenta bofetada na face do professor. Ficou durante uns momentos sem saber como reagir. Foi tudo tão rápido tão surpreendente, tão violento. Só quando viu a mão subir outra vez no ar é que se deu conta do que estava sucedendo. Na sua memória surgiu como um relâmpago uma cena idêntica, passada há muitos anos atrás na sua tabanca natal. Um comerciante branco tinha acabado de esbofetear o seu pai. Viu a mão branca a aproximar-se outra vez do seu rosto (...). Desviou todo o tronco para trás e viu a mão a passar perto do seu nariz, assobiando. No instante seguinte era o seu punho a embater nas bochechas do branco. Depois seguiu-se um outro golpe na face e outro ainda que fez sair um jorro de sangue do nariz e um grito agudo da boca do administrador (...). Os colegas de equipa interviram no preciso momento em que se preparava para desferir uma série de outros

golpes. Ainda disse e muita agente ouviu: vou matar este filho da puta! (SILA. 2011, p. 159).

Entretanto, podemos igualar a atitude de revolta tomada pelo professor à de muitos que viveram período colonial e que mais tarde influenciaram a luta pela independência desencadeada pelo Partido Africano para Independência de Guiné e Cabo-Verde (PAIGC). Dentre uma dessas revoltas, podemos destacar a greve dos estivadores de porto de Pindjiguiti em 3 de agosto, de 1959 em Bissau influenciada pela recém-criada organização sindical dos trabalhadores União Nacional dos Trabalhadores da Guiné (UNTG), que após a repressão destes trabalhadores fez ainda aumentar as tensões e atividades revolucionárias. Como aponta Augel:

Em 1958, foi criada a união Nacional dos trabalhadores da Guiné (UNTG), movimento sindical também clandestina que provocou, em 3 de agosto de 1959, uma greve de estivadores e marinheiros, trabalhadores do porto do Pindjiguiti, para protestar contra os baixos salários, tendo sido foi brutalmente repelida pelas forças coloniais. Do massacre do Pindjiguiti até 1961, as atividades dos revolucionários se desenvolveram sobretudo “no mato”, num sistema de guerrilha (AUGEL, 2007, p.61).

E com aumento de cerco da repressão, ampliava a ousadia dos insatisfeitos, o que veio a influenciar a ação direta de “guerra”. Como explica Cabral o motivo da sua luta para expulsão dos colonizadores “Vi gente morrer de fome em Cabo-verde e vi gente morrer a pauladas na Guiné (com surras, pontapés e trabalho forçado), entende? Essa é a razão da minha revolta” (CABRAL *apud* LOPES). E este começou “com sabotagens, cortes de vias de comunicação, destruição de instalações (...). A 3 de janeiro de 1963, depois de alguns anos de preparação foi desencadeada a luta armada para libertação do país na frente Sul e do Leste” (AUGEL, 2007. p. 61). Depois de algum tempo a luta se alastrou para todas as três províncias nacionais, que se tornaram cada vez mais cruentas e desesperadas.

Ao falar da situação e evolução da luta armada pela independência da Guiné e Cabo-Verde, (Cabral *apud* Cordeiro, Dias, Rodrigues e Laet), afirma que, a luta do PAIGC é uma continuidade da que foi desenvolvida pelos povos destes países contra os colonialistas portugueses.

A resistência do povo da Guiné, vencida pela força das armas, nunca cessou de se manifestar: revoltas, resistências passivas, emigrações maciças para os territórios vizinhos e, como no caso nosso irmão Bijagós de Canhabaque, total recusa de pagar o imposto de soberania portuguesa. O nosso povo alcançou grandes vitórias contra a superioridade técnica das armas portuguesas. O nosso povo bateu-se corajosamente, até ao limite das suas forças, contra as tropas

portuguesas (CORDEIRO, DIAS, RODRIGUES E LAET, 2013, p. 12).

Publicado somente em 1995, a obra *A última tragédia* foi escrita em 1984, isto é, dez anos após a independência da Guiné-Bissau. Como fica evidente, os relatos de violência trazidos por Sila ao longo de texto nos ajudam a entender as razões que impulsionaram o autor a escrever esse romance referenciando a esse período de colonização tardio. Ele fazia parte da geração que presenciou esse período, e que ainda carrega lembranças cruéis desse contexto traumático.

Não é fácil para mim falar da guerra de libertação. As minhas lembranças são horríveis! Perdi o meu melhor amigo de sempre, o meu irmão Idrissa, que numa manhã de fevereiro de 1972 foi gravemente ferido. Tinha na altura oito anos de idade, ficou paraplégico, viveu mais 6 anos. No mesmo dia, uma outra irmã minha, que tinha 10 anos, perdeu uma perna. Ela era a melhor futebolista de Catió... podes imaginar como foi a vida dela depois? O meu pai morreu pouco tempo depois em consequência do choque que teve ao ver metade da família a sangrar. A minha mãe foi quem aguentou mais, mas perdeu a alegria da vida. Tomou conta do meu irmão paraplégico. No dia em que ele morreu, ela passou a ser muito mais reservada. Quase que não falava com ninguém... bem, tudo isso é o resultado de uma bomba, que caiu em frente de casa. Antes e depois desse dia houve muita coisa que aconteceu. Vi muita gente morrendo na sequência de ataques e bombardeamentos. Convivi com muita gente que sofreu, no corpo e na alma, os efeitos da guerra. Saí de Catió tinha doze anos para frequentar o Liceu, em Bissau. Mas ia todos os anos, no fim de cada trimestre, a Catió para estar com a minha gente. Tendo começado em 1963, quando tinha 5 anos, a guerra só acabou em abril de 1974, pouco tempo depois de eu completar os 16 anos (Sila apud Bispo, 2013, p. 48-49).

Essa última citação mostra como ainda persistem as lembranças amargas para as pessoas que presenciaram o período da colonização e da luta pela independência da Guiné-Bissau, como é o exemplo do Sila. Segundo a nossa percepção Abdulai Sila decidiu escrever a *Obra A última tragédia* como uma tentativa de explicar desafios com os quais a Guiné-Bissau veio a se defrontar na pós-independência, tomando como referência o passado histórico como um dos elementos que influenciaram alguns comportamentos neste período. Portanto, para fecharmos esse tópico, queremos destacar algumas marcas da resistência acima apresentadas, desencadeadas por diferentes grupos étnicos, que de uma forma ou outra tentamos comparar com aquilo que foi as características apresentadas pelos personagens da obra *A última tragédia*. Concluímos que o período da colonização não ocorreu com total passividade dos africanos, e que na Guiné houve uma série de resistências, que começam desde resistência cultural,

singular, coletiva etc. Que pela configuração social do país, estas resistências tiveram características regionais, quer dizer, cada grupo social usava as suas estratégias conforme as características do seu espaço para resistir contra as práticas coloniais, isso acontecia também individualmente na medida que houvesse resistências singulares. Pontos a serem desenvolvidos no futuro.

3.4 O contexto pós-colonial e as suas repetições

Este terceiro tópico aborda as questões inerentes às práticas do período colonial que se repetiram nos períodos da pós-independência. Sendo assim, voltamos a usar a mesma dinâmica de abordagens dos tópicos passados, enxergando a partir dos personagens e os poemas de obras dos autores guineense Abdulai Sila e Maria Odete da Costa Semedo escolhidos para esse estudo. Vale ressaltar que a principal marca repetida no período pós-colonial é a violência que ficou marcada pela ação do Estado

Entretanto, é importante salientar que o período pós-independência é marcado por uma nova fase da colonização chamado de neocolonialismo. Essa expressão foi usada pela primeira vez pelo Kwame Nkrumah que “defendeu a opinião de que a soberania nacional dos países africanos, adquiridas com a independência, não passava de fato de uma formalidade e na verdade não tinha havido grandes modificações no relacionamento assimétrico entre os poderes coloniais e os povos colonizados” (AUGEL, 2007, p.145). Essa relação cria certa dependência e exploração econômica entre as recém-criadas nações africanas com as nações que eram antes imperialistas que depois da Segunda Guerra Mundial precisavam se reconstruir economicamente buscando novos mercados. Como explica Augel:

Em plena época da expansão econômica da Europa e sobretudo dos Estados Unidos, na busca de novos mercados, na euforia capitalista de multiplicação de lucros e de poder, desenvolveu-se a ideia da necessidade de modernização, constatando-se a dificuldade de países saídos da colonização de se pautarem pelos princípios tais como eram demarcados pelo Ocidente, segundo os quais o desenvolvimento é linearmente definido por parâmetro do crescimento econômico (AUGEL, 2007, p.145).

Essa expansão econômica teve o seu principal campo de atuação no continente africano, na medida em que a maioria dos países que compõem este continente são

recém-criados. As suas demarcações fronteiriças foram feitas na Conferência de Berlim realizada em 1884-85 pelas potências imperialistas, e que de alguma forma ainda são ex-colonizadores de alguns países. Esse evento influenciou bastante e fez com que a África fosse palco da expansão econômica depois da II Guerra Mundial.

Tal fato teve reflexo negativo na medida que, da mesma maneira que diferentes facções sociais (etnias, grupos pró o regime colonial) divididas pelos europeus e influenciados a lutarem uns contra os outros, o mesmo acontece com os diferentes grupos étnicos, regionais e rebeldes que recebem apoios de fora para derrubar os regimes instalados em diferentes países africanos que não compactuam com os interesses de expansão econômica de diferentes países imperialista. É nessa ordem de ideia que (NKRUMAH apud AUGEL, 2007, p.145) considera “o neocolonialismo a pior forma de imperialismo”.

Vale ressaltar que estamos agora a falar das repetições. A nossa ênfase será dada nas repetições das ondas de violência que ficaram gravadas na ação do Estado, como herdado do período colonial, e se repetiu no período pós-colonial. Referimo-nos a uma condição em que as próprias pessoas que lutaram para libertação de Guiné-Bissau do jugo colonial, depois de assumirem cadeiras ministeriais, adotaram os mesmos mecanismos violentos usados pelos colonizadores para reprimirem os seus opositores. Como escreve Mendy:

A liderança fora do mato e instalada nas cadeiras ministeriais não levou muito tempo a submeter os seus ideais aos julgamentos do governo de todos os dias. Não consideram as implicações de um partido centralizado e não muito democrático que adopta uma administração colonial autocrática ainda mais centralizada (MENDY, 1993, p. 14).

No contexto da Guiné-Bissau independente, essas práticas também são presentes, já que o que se viu após a independência do país foi uma busca desenfreada pelo poder entre os próprios agentes da libertação. A violência, combatida por Cabral como indispensável para a conquista da liberdade, em função das características da dominação impostas, tornou-se a arma dos novos mandatários da nação, cujo objetivos não vão além do próprio umbigo. Pegamos o Régulo como a personagem que nos ajuda a compreender esse facto, quando fala do mau vício e do mau carácter e admite que “este mundo está cheio de gente com mau vício. Mau carácter por causa de preguiça de pensar, mas pensar nem só um bocadinho” (SILA, 2011. p.91). Para isso decidi escrever um

testamento que vai orientar os populares de Quinhamel e os seus sucessores de como viver e exercer o poder naquele vilarejo. Como aponta Sila:

- Se entendi bem, o Régulo quer fazer um testamento.
- Mais ou Menos...
- Bem, se é um testamento, tem que ir para Bissau ter como notário.
- Então não é testamento.
- O que é então?
- É só algumas coisas que eu quero deixar para aqueles que vêm depois de mim.
- Então é um assunto de herança.
- Sim, pode ser. É herança mesmo.
- Se acha que não deve fazer um testamento, que é uma coisa oficial, então penso que devia fazer segundo a tradição.
- Como?
- Reunir os Homens- Grandes e dizer à frente deles.... Amanhã, quando for necessário, mesmo se o Régulo não estiver presente, vai haver sempre testemunhas... Ninguém poderá negar.
- Mas isso que eu estou a pensar não é coisa para ninguém negar! É para toda gente saber. Meus filhos, netos, bisnetos, filhos de outras pessoas, seus netos, bisnetos.... Isto é para toda a gente desta terra, mas mesmo toda a gente...
- Uma herança para toda a gente? Não é só para os seus parentes?
- É para os meus parentes e para os parentes dos outros também. É para toda a gente que quer. É por isso que quero isso escrito para chegar a todos lados. Sem alguém poder pôr sal em cima, dizer depois que o Régulo Bsum Nanki é que isto, Bsum Nanki é que disse aquilo, quando o que eu disse é outra coisa totalmente diferente. Estas a compreender, meu filho?
- Mais ou menos...
- Não faz mal se não entendeste tudo agora. Quando eu falar para tu escreveres, vais então compreender, não é assim?
- É, sim (SILA, 2011. p.110-111).

Este pensamento do Régulo de fazer um testamento coincide com o de Amílcar Cabral, que elaborou uma estratégia que é dividida em duas partes: *Programa Mínimo* - era a independência total de Guiné e Cabo-Verde; *Programa Maior* - mais ou menos propunha a unificação de dois países e o seu desenvolvimento, infelizmente tanto Régulo e assim como Amílcar Cabral não presenciaram a realização dos seus sonhos, pois acabaram por morrer antes da execução destes.

O professor é um outro personagem que nos ajuda a compreender a fase pós-colonial, as suas repetições quando considera que a tradição precisa ser respeitada por ser algo que todos os povos de mundo possuem, o que não aconteceu no período pós-independência onde todo o sistema administrativo e de ensino é voltado para Europa desrespeitando as estruturas sociais africanas. Facto esse que veio a ter reflexos negativos.

Para compreender o desenrolar do período pós-independência remetemos toda a nossa análise na base dos poemas da obra *No fundo do canto* da autora guineense Maria Odete da Costa Semedo.

Situado na pós-independência da literatura da Guiné-Bissau, *No Fundo do Canto* nos trás o relato da nação guineense em meio da corrupção política, ao trauma da Guerra civil de 1998, à frustração diante do cenário de violência, ao fracasso do projeto nacional e à desilusão das utopias libertárias. As poesias se deslocam entre o passado e o presente, desconstruindo para reconstruir poeticamente a memória da nação guineense na pós-independência. A obra, *No fundo do canto* nos ajuda a compreender o processo de afirmação da identidade nacional. Conforme Augel:

A autora se empenha sobretudo em ‘desconstruir’ o culto mesmo da nação, para depois ‘reconstruí-lo’, apresentando-a como uma comunidade primordial, (...) em que um passado épico e a tradição multicultural se aliam para ultrapassar os fracassos da política e a ideologia (AUGEL, 2007, p. 329).

Nos versos dos poemas que compõem essa obra, Odete Semedo tenta elaborar dentro de si, o sofrimento do seu povo causado pela guerra civil de 1998, como remata Augel, “Odete Semedo, em primeira instancia, no poema *No fundo do canto*, fazendo a catarse dos sofrimentos seus e do povo guineense, quis elaborar dentro de si, para ela mesmo os traumas ocasionados pela vivencia da guerra que assolou a Guiné-Bissau” (Ibid. 2007, p.329).

Diante desse facto, temos “O teu mensageiro”, como o primeiro poema para a nossa análise. É fácil perceber que a poetisa para além de assumir o papel de uma mensageira através desse poema, também assume o papel de uma mãe, representando todas as mães guineenses que conduz os seus filhos e toma para si as suas dores. Posto isso, chegamos a uma interpretação de que a autora ao construir essa imagem de mãe, nos sugere que ninguém melhor de que uma mãe conhece a sua casa e o sofrimento dos seus filhos. Para tanto a obra *No fundo do canto*, nos propõe uma volta ao passado para podermos compreender o presente tão triste.

Assumindo um papel de mensageira, a poetisa busca via literatura para imaginar a nação:

Não te afastes
aproxima-te de mim
traz a tua esteira e senta-te
(...)

pergunta-me onde mora o dissabor
 pede-me que te mostre
 o caminho do desassossego
 o canto do sofrimento
 (...)
 Vem...
 senta-te que a história não é curta (SEMEDO, 2007, p. 22)

Com esse poema, a poetisa faz uma chamada de atenção, de um confronto que vem a caminho, quando fala da história que “não é curta”, ela está se referindo aos onze meses de guerra civil, que há muito tempo os populares de Bissau pressentiam que um dia pudesse acontecer em Bissau devido as tensões étnica, política e militar que a Guiné-Bissau vive nesse período. Muitos avisos e pedidos de cerimônia foram feitos para acalmar as tensões que são vividas nesse momento para que a Guiné-Bissau não experienciasse o mesmo destino de alguns países da África lusófona que depois da independência mergulharam numa guerra civil que ceifou muitas vidas. Como aponta Augel, não faltaram avisos, vindo dos chefes religiosos dos diversos grupos étnicos do país: “*baloberos*¹³, alمامus e padres’, além dos pastores, predisseram: ‘uma afronta / um confronto vem a caminho’ e será ‘como um punhal que todo o povo vai ferir (AUGEL, 2007, p.331). As chamadas de atenção da poetisa era clara mais foram ignoradas, como explica Augel, ‘profecia era clara: ‘uma guerra / entre irmãos / do mesmo sangue / disseram do mesmo *djorson*. Os vaticínios, porém, não foram levados a sério e ‘passaram-se chuvas e secos / sem que mais ecos / do prenúncio (...) todos no bem, bem’” (AUGEL. 2007, p.332).

Após a independência, a Guiné-Bissau vem tentando se construir como uma nação independente, o que conseqüentemente fez com que ao longo de duas décadas e meia após a independência, a Guiné ratificasse e assinasse vários tratados internacionais e regionais com objetivo de fazer o país acompanhar as transformações do mundo moderno. Mas antes disso é importante realçar que o país teve Luís Cabral como o seu primeiro Presidente da República que depois de seis anos da sua gestão sofreu um golpe de Estado que o afastou de poder, tendo sido substituído pelo Nino Vieira, um dos estrategistas do PAIGC, que passou a chefiar o governo. De acordo com Augel.

O novo governo prometia estabelecer uma política rural condizente com os interesses e necessidades locais e se propunha a refrear a onda de modernização, uma das prioridades do governo anterior que se empenhou no fomento à industrialização, iniciativa em princípio boa,

¹³ Baloberos – A pessoa que dirige o culto religioso.

mas que resultou megalômana, ultrapassando a demanda e as possibilidades da recém-fundada república [...] (AUGEL, 2007, p.63).

Entretanto, como o governo do seu antecessor, a gestão de Nino Vieira foi marcada pela instabilidade política e social profundo, com execução dos adversários políticos e aumento das tensões de ordem étnica e religiosa. Foi nessa gestão que o país assinou vários acordos internacionais, regionais, até a democratização do país a partir de uma pressão vinda do exterior, como aponta Mourão, “pressionado pela França e pelo Portugal, o até então presidente Nino Vieira viu-se a proceder a uma lenta abertura no sentido da ‘democracia’. Em 1994, são convocadas as primeiras eleições presidenciais ‘democrática’ e Nino é reeleito (MOURÃO, 2009, p. 25). Sendo assim, pode-se interpretar que o poema ironiza a situação carente de subdesenvolvimento que o país vive, na qual a classe dirigente não soube resolver, muito menos acompanhar as evoluções social do mundo contemporâneo, como é o exemplo da nova tecnologia.

A poetisa, por meio da sua escrita poética, pode estar procurando mostrar o nível da desgovernança e caos em que vive a população guineense. Na cidade de Bissau (capital) permanece bastante destruída pela guerra, “bem como escolas, hospitais e indústrias, dispondo de escassos recursos próprios para a saúde, alfabetização, ensino fundamental, médio e superior, emprego e alimentação” (MOURÃO, 2009. p.24), enquanto que as classes políticas sem saber o verdadeiro sentido da democracia continuam a fazer caça a monta uns com outros, com objetivo de conseguir lugar que lhes permitem saquear o que é de povo. Assinam acordos que só a eles beneficiam sem levar em conta os benefícios que esses acordos trarão para o povo, sem falar em inúmeras promessas não realizados, por exemplo: fazer chegar a energia elétrica e água potável em todo território nacional. Estes factos nos levam a dizer que a ação política desses sujeitos não representam de nenhum modo democracia, ou seja, nesse período não temos a democracia, e se existir “não se sabe se é homem se é mulher” (p.31).

Veio a tecnologia
Espreitou
Mas não entrou
Tropeçou num buraco
Estava no escuro
Não deu com a entrada
e continuou na rua ao pé da escada
a espera da luz (SEMEDO, 2007, p. 36).

Após a eleição gerais de 1994 que fez o Presidente Nino Vieira manter no poder, ainda aumentou nível de insatisfação face às promessas não cumpridas, mas dava algum

sinal de fortalecimento da economia. Como aponta Cardoso e Calado “A continuidade de seu governo, embora marcada por problemas de corrupção, desconfiança, insatisfação popular e frustração da promessa de democratização política” (CARDOSO e CALADO, 2013, p.143).

Entretanto, isso só foi possível graças a adoção de certas medidas pelo governo, que acharam oportuno para calmar o nível da insatisfação que se vive nesse período, como é o caso do fortalecimento da economia e de fazer chegar a escola em todo território nacional, em virtude de atingirem essas medidas, obrigou a Guiné-Bissau a integrar a União Econômica e Monetária da África Ocidental (UEMOA). Essa integração agravou ainda mais a situação, como remata Augel “isso significou a adesão da Guiné-Bissau à comunidade financeira direcionada para a França, e não para Portugal, dividindo os interesses políticos e econômicos da classe política guineense, pressionada dos dois lados” (AUGEL, 2007, p.67). Este factos mostram o nível da dependência externa que o país vive desde a independência até a data presente, onde o destino do povo da Guiné é sempre projetado pelas instancias internacionais, o que reforça a má governança que provoca sucessivos golpes e situações de instabilidade.

As autoridades de Guiné-Bissau achavam que adesão da Guiné-Bissau a UEMOA podia de alguma maneira ajudar na estabilização da economia nacional, mas ao contrário, o nível da insegurança das populações aumentou com a nova moeda. Segundo (CARDOSO *apud* AUGEL, 2007, p.334) “a controvertida e desesperada entrada do país na ‘zona do franco’ provocou uma grande insegurança na população quando, de repente, 65 pesos guineense passaram a valer um franco CFA, abreviatura para o franco da Comunidade Financeira da África”. Esse nível de insegurança provocada pela adesão do país a UEMOA levou a poetisa de uma forma irônica a renomear este de MUMOA.

[...]
 Não dou nada
 sem que em troca receba algo
 [...]
 A feira virou mercado
 o mercado virou mundo
 alguns perderam-se
 na imensidão
 no calor da multidão
 A voz da velha continuou
 a chamar: – venham até mim
 Eu sou a visão

ou a evasão?
 Eu sou o futuro
 ou um simples monturo? (SEMEDO, 2007, p. 41).

Com a entrada de Guiné-Bissau na UEMOA foi o que determinou o desencadeamento da guerra civil de 7 de junho, tudo porque após a entrada do país na UEMOA aumentou a pressão tanto pelo Senegal assim como França, com relação ao suporte que governo de Bissau fazia através de vendas de armas para os rebeldes de Casamansa que lutavam contra o Senegal, que é um dos países que fazem parte da UEMOA. Como explica Augel, “a pressão de Dacar e de Paris tornou-se mais intensa com a integração da Guiné-Bissau na aliança monetária dos países africano ocidentais, ocorrida oficialmente, depois de largo tempo preparatório, a 2 de maio de 1997” (AUGEL, 2007, p. 67). É fácil perceber o objetivo do bloco econômico no qual o país veio a se integrar, como fica evidente nos trechos como “eu sou caminho aberto (...) não dou nada sem que em troca receba algo” (*Ibid.* 2007, p. 41).

Para obter as trocas que o país necessita com o bloco econômico, o governo de Bissau decidiu acabar com o fornecimento das armas para os rebeldes de Casamansa, o que seria difícil. E isso não levou muito tempo a criar mal-estar entre a Presidência da República e Estado Maior General das Forças Armadas, como aponta Augel, “o presidente guineense, Nino Vieira, decidiu afastar do seu cargo o chefe do estado-maior das forças armadas, General Ansumane Mané, sob alegação de estar implicado no tráfico de armas em Casamansa” (AUGEL, 2007, p. 67). O General por sua vez negou as acusações, admitiu publicamente que ele não foi o responsável pelas vendas das armas, “diante da comissão de inquérito da Assembleia nacional popular, recusou assumir essa responsabilidade denunciando, inclusive, o próprio Nino Vieira como mentor do comercio de armas com os rebeldes” (*Ibid.* 2007, p.67).

As trocas de acusações causaram reações fortes na Presidência da República, e fez com que o Presidente Nino Vieira, ordenasse a prisão do general Ansumane Mané que recusou a voz da prisão tomando principais quartéis de Bissau. “A reação armada por parte do governo não se fez esperar, e já pela manhã bem cedo eram travados combates na cidade, com mortes de ambos os lados” (AUGEL, 2007, p.68). Esse acontecimento deixou Bissau arruinada, com milhares de mortos e desabrigados, como remata Mourão “o conflito deixou centenas desabrigado até maio de 1999” (MOURÃO, 2009, p.25).

É importante realçar que a reação armada por parte de Ansumane Mané teve apoio de muitos ex-combatentes da Liberdade da Pátria, que segundo eles, sentiram traídos pelo então Presidente da República, que após golpe de 1980 prometeu desenvolver o país tomando em considerações as utopias que marcaram a luta de libertação nacional e democratização do país. Nunca conseguiu cumprir, só aumentou as tensões das ordens social, política e étnica, que vai desde das prisões até a execução dos adversários políticos.

Dado a esses acontecimentos, consideramos esta guerra como um ajuste de conta. De acordo com Cunha (2015, p.25), “essa guerra civil é uma consequência tardia das incongruências e incompletudes da nação pós-independente, afirmamos que essa guerra acaba por ser uma extensão da guerra colonial, mas em uma versão nacional apenas”.

Entretanto, para compreensão literária deste acontecimento, recorremos ao poema “Na calada da Noite” da obra *No fundo do canto*, que nos traz de uma forma detalhada tudo aquilo que foi a guerra civil na Guiné-Bissau. Como acima apontamos, a guerra civil de 1998 é igual à da luta de libertação, mas em versão nacional apenas, por ser uma guerra contra o regime instalado.

Torna-se fácil perceber que a literatura nesse período voltou a assumir um caráter de resistência não mais contra os “brancos”, mas sim contra o regime instalado que teve os “pretos” a testa. Estes continuaram a reproduzir as mesmas práticas dos “brancos”, que é perseguir, matar e discriminar. Digamos ainda que essa guerra é um ajuste de contas entre os ex-combatentes da liberdade da pátria com o então Presidente da República Nino Vieira. Como escreve Cunha, “A guerra civil, de cunho militar, foi, em resumo, a luta oposicionista entre os generais veteranos (...) e o general presidente, João B. Vieira, colegas nos tempos da libertação nacional que agora se digladiam nas terras que libertaram do inimigo” (CUNHA, 2015, p.25).

Levando isto em consideração, foi fácil perceber que a guerra civil tem quase tudo a ver com a luta da libertação nacional, porque os protagonistas dessa guerra são os ex-combatentes. Tendo como o centro da discordância a vendas de armas para os rebeldes de Cassamansa, ex-território da Guiné-Bissau, negociado pelos Portugal para França, e que depois da independência houve várias tentativas de recuperação por parte da Guiné-Bissau, mas todas as tentativas foram sem sucesso.

Fica claro afirmar que certos problemas mal resolvidos desde dos primeiros anos da independência serviram como causas que levaram o país à guerra civil de 1998. Entre as quais podemos destacar, a instabilidade política; a falta de democratização das instituições da República e as suas legitimidade e conseqüente incapacidade em responder os serviços básicos aos seus cidadãos; a falta de controle do território nacional; o não respeito pelo princípio da separação do poder e aumento da desordem social. Todas essas características estão presentes no que se chama de “Estado falhado” (Gonçalves *apud* Cunha, 2015, p. 26).

Do contexto da guerra civil, Odete Semedo nos apresenta:

“ Era tudo feito”
 Na calada da noite
 Era o jeito do povo
 Almas dos antepassados
 Não há trabalho já feito
 Tinha de acontecer o “ vaticinado” (SEMEDO, 2007, p.26).

O título do poema já nos apresenta que a situação não era agradável, porque refere-se ao terror que irá acontecer, que tudo já está feito, como se fosse o cumprimento de um juramento ou um objetivo, ou seja, a desgraça que há muito tempo é presentida por todos se concretizou. Nem as almas dos antepassados conseguiram impedir. Perante o cenário da destruição, das ruínas e de muitas incertezas, a voz poética busca acreditar na realidade que transformou Bissau numa “cidade amaldiçoada”, mas que “antes paraíso fora” (Ibid., p.77), expressando o seu descontentamento, que é também de todos de seu país.

As minhas lágrimas
 [...]
 Nenhum grito...
 Nenhum gemido...
 Palavra nenhuma
 Letra alguma
 Jamais traduziu tanto sofrer
 Os olhos sentiram
 A minha gente viu
 E eu?
 E eu? (SEMEDO, 2007, p. 81).

Nesse último verso, o eu poético apresenta a sua angústia perante o que viu acontecer, visto que, não acreditou que um dia tudo isso poderia acontecer, e que nenhuma escrita, ou seja, letra nenhuma podia traduzir o sofrimento que os seus olhos

viram e que a sua gente sentiu, e ficou perdida perguntando “E eu? ” “E eu? ” (SEMEDO, 2007, p. 81).

Perante a situação de horror e angustia que o país vive causados pela guerra civil, o eu poético invoca *Irans* e representantes de todas as etnias para refletirem sobre a situação em que se encontra o país. Este gesto pode ser visto como uma situação que pode ajudar o país a se reconstruir, tudo porque há uma necessidade de unir todas as entidades sociais, políticas, religiosas e militares do país em torno de um objetivo que é a construção de uma nação inclusiva, respeitando as diferenças étnicas e religiosas, e abdicando dos interesses individuais em detrimento de causas comuns do país.

Todos... de fidalgos a servidores
 Viventes da terra
 do mar e do ar
 Beijaram o chão de bruços
 Levantaram os olhos ao céu
 nas águas do mar molharam as mãos
 Limparam os rostos
 Purificaram com água doce e salgada
 Bissau e Guiné
 [...]
 Os irans das djorsons¹⁴ sentiram
 Guiné e Bissau uma só
 Erguendo-se com vigor
 Reafirmando a sua força
 [...] (SEMEDO, 2007, p. 159).

É importante realçar a consideração e respeito do que a voz poética tem com os elementos tradicionais, apontando o “retorno a origem, na busca pelos ensinamentos de sua cultura, o país poderá encontrar os rumos para a construção da nova nação” (CALADO e FONSECA, 2013. p.158). Também é importante realçar que os poemas da Odete Semedo presentes na obra “*No fundo do canto*” têm um posicionamento político que é de trazer uma análise da situação da Guiné-Bissau num percurso temporal de reflexão sobre o passado, o presente histórico e político, trazendo à tona os motivos que levou o país ao conflito bélico de 1998 e as chamadas de atenção pela qual será o desafio para o futuro na construção da nação guineense.

Diante disso, podemos concluir que os literários guineense Abdulai Sila e Odete Semedo diferentemente das intérpretes brasileiras das suas obras usados no primeiro capítulo desse estudo, repensam, criticamente, por meio do trágico, a história do país e

¹⁴ Djorson – Clã

funcionam como denúncias possíveis ao passado colonial assim como mandos e desmandos dos governos que presidiram essa nação no período pós-colonial.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho analisou, a partir da literatura, como a nação guineense foi fabricada. Certamente, pesquisar sobre esse pequeno país africano que pouco significa econômica e politicamente para o mundo globalizado, não foi uma caminhada fácil. Logo no início deparamos com dificuldades no que se toca com a seleção confiável de textos e informações que esclarecessem e ajudassem na melhor forma de enxergar esse país, sem cair em estereótipos ou obter informações não confiáveis.

Entretanto, o livro da pesquisadora Moema Parente Augel, *O desafio do escombro: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau*, além de revigorar a paixão que crescia, serviu como bússola indicando caminhos para o estudo, entre outras razões, devido a sua ampla reunião bibliográfica.

Sendo assim, os intérpretes das obras escolhidas para o presente estudo no primeiro capítulo muito embora não pertençam à nação em questão, tentaram através das escritas das obras *A última tragédia* e *No fundo de canto* entender a construção da nação guineense, dentro de uma lógica de Brasil e, assim, aproximar-se do continente africano. Este interesse surgiu na medida em que é determinada pela lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que insere no currículo da educação básica o ensino de História e Cultura da África. Portanto, esse interesse de estudar a literatura africana no Brasil é motivo de muita satisfação para nós, já que isso não só reforça a compreensão da identidade dos africanos, mas sim, ajuda de certa forma na divulgação da história africana em especial a dos países africanos de língua portuguesa.

É importante salientar que os literários guineenses Abdulai Sila e Odete Semedo repensam, criticamente, por meio do trágico, a história do país, através das suas obras que funcionam como denúncias possíveis ao passado colonial assim como os mandos e desmandos dos governos que presidiram essa nação no período pós-colonial.

Tanto os interpretes como os literários estão dentro de um núcleo que podemos chamar de intelectuais, que segundo Said podem ser definidos como “todos os que trabalham em qualquer área relacionada com a produção ou divulgação de conhecimento” (SAID, 1993, P.24). Sendo assim, as características apresentadas por eles mostram que estão dentro de um movimento de transformação engajados nessa luta de construção e edificação da nação guineense. Por esta razão esses intérpretes e literários são agentes políticos e culturais inseridos dentro de uma lógica social e acabam por criar as suas interpretações trazendo os elementos que consideram

relevantes para narrar a nação. Foi a partir desta característica que consideramos que eles fabricam a nação através das suas escritas.

De fato, as obras *A última tragédia* e *No fundo canto* narram uma única história, que, para nós, soa trágica: os rumos da Guiné-Bissau. A trajetória política do país, desde o regime colonial até o final do século XX, se encontra ficcionalizado, por vezes, metafórica ou metonimicamente, nas linhas escritas por Abdulai Sila e Odete Semedo. Isto nos leva a considerar que as duas obras são importantes instrumentos para constituir a imagem da moderna comunidade nacional guineense. Uma comunidade imaginada com base no princípio da unidade, rompendo as fronteiras entre o “eu” e o “outro” e visando agregar todas as pessoas, de todas as etnias, de todas as línguas, na partilha do mesmo espaço nacional.

Ao final deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), estamos certos de que não se esgotaram as possibilidades de retornarmos à discussão sobre algumas práticas coloniais que se repetiram no período pós-colonial, no entanto, esperamos que este estudo sirva para abrir caminhos e incitar reflexões que resultarão em novos escritos sobre os literários guineenses. Outra temática a ser investigada, futuramente, poderá ser sobre as leis coloniais e os seus reflexos no período pós-independência.

A produção deste estudo nos permitiu não só conhecer mais profundamente um pouco da literatura guineense, como também a própria história da Guiné-Bissau. E perceber que a ideia de um atraso da literatura dentre outras marcas muitas vezes projetadas para a Guiné Bissau é produzida a partir de comparações que perdem de vista a história única que cada sociedade e nação possui. São assim caminhos diversos de formação. Assim como entender os processos de fabricação ajudam a compreender o que é uma literatura. Esperamos também termos colaborado para a diminuição de lacunas existentes na crítica literária guineense, em especial da produção literária dos autores guineense Abdulai Sila e Odete Semedo.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Leonel Azevedo. **Subjetividade, Micropolíticas e relações de poder.** Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras vol. 2. Rio de Janeiro, 2008.

ANDERSON, Benedict. **Comunidade imaginada:** Reflexão Sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo, 1983, 1991.

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombros:** Nação, identidade, e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

AUEGEL, Moema Parente. “Prefácio – Três Faces da Nação” In: Abdulai Sila. *A última tragédia.* 2011.

BARBOSA, Márcia Fagundes. **Nação, um discurso simbólico da modernidade.** São Carlos. Artigo, 2011.

BISPO, Erica Cristina. **Eterno Descompasso:** Faces dos trágicos em Abdulai Sila. Rio de Janeiro. Tese, 2013.

BORDIEU, Pierre, **o poder simbólico** – Capítulo II introdução a uma sociologia reflexiva 1989/ tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

CALADO, Karina de Almeida e FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Identidade, subjetividade e nação guineense na poesia de Odete Semedo.** Salvador, 2013.

CARNEIRO, Gabriela Lira e CARDOSO, Jaqueline Teodora Alves. **A última tragédia:** um esboço da construção histórica e identitária da Guiné-Bissau. Belo Horizonte, 2011.

CORDEIRO, Roberto Sousa, DIAS, Altieri, RODRIGUES, Ismael Nery Gaspar, LAET, Luciano. “**Resistencia Africana ao domínio colonial português:** um olhar sobre colonialismo e nacionalismo na Guiné Portuguesa” In: <http://www.didinho.org/Arquivo/Resistenciasafricanasaodominicolonialportugues.pdf>

CUNHA, Justino da. **Da Guerra de Libertação à Guerra Civil:** Olhares de Odete Semedo em no Fundo do canto. Trabalho de conclusão de curso. Redenção, 2015.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. Tese de doutorado. Porta Alegre, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 23ª ed., São Paulo: Graal, 2004.

LOPES, Carlos (Org.). **Desafios contemporâneos da África**: o legado de Amílcar Cabral. São Paulo: Unesp, 2012.

MONTEIRO, Artemisa Odila Candé. **Guiné-Bissau: da luta armada à construção do estado nacional** – conexões entre o discurso de unidade nacional e diversidade étnica (1959-1994). Tese de doutorado. Salvador, 2013.

MOURÃO, Daniele Ellery. **Identidades em transito**: África “na pasajen” identidades e nacionalidades guineense e cabo-verdianas. Campinas: Arte escrita, 2009.

SAID, Edward. **Representações do intelectual**: as Conferências Reith de 1993 / tradução Milton Hatoum. — São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SEMEDO, Odete Costa. **No fundo do canto**. Belo Horizonte: Nandyala, 2007.

SEMEDO, Odete Costa. **Guiné-Bissau**: história, cultura, sociedade e literatura. Belo Horizonte: Nadyala, 2010.

SILA, Abdulai. **A última tragédia**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

VALANDRO, Leticia. **A difícil mistida guineense**: Nação e identidade da Guiné-Bissau através da trilogia de Abdulai Sila. Porta Alegre. Tese de doutorado, 2011.